



REVISTA
Semana
de
CRITICA
POLITICA
ARTES, LETRAS
e
COSTUMES

O COMEDIANTE

DIRECTOR - MARCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39
 COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lith. R. de Sousa & Salles, R. N. do Loureiro, 25 e 27

ASSIGNATURAS PAGAMENTO ADEANTADO:
 Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1.500 réis | Brazil, anno (52 numeros) 2.500 réis
 Semestre (26 numeros) 750 réis | Africa e India Portuguezas, anno ... 1.500 réis
 Cobrança pelo correio 410 réis | Estrangeiro, anno (52 numeros) 1.500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a
 Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



DR. ALBERTO FIALHO
 Novo Ministro do Brazil em Portugal

Dr. Alberto Fialho

E' este o nome do novo ministro do Brazil, em Portugal, ha pouco chegado a Lisboa.

O dr. Alberto Fialho vem precedido de uma brilhante reputação como diplomata e como jurisconsulto. E' formado em direito na universidade de S. Paulo, tendo porém exercido a magistratura no Rio de Janeiro, onde alcançou a alta reputação de que goza.

Tem desempenhado missões diplomaticas na Belgica, na Argentina, na Bolivia e na França.

Esperamos das suas elevadas qualidades que com a sua representação mais se unam interesses e espiritos dos dois paizes, como é tão justo e desejado.



Ha em mim um sentimento verdadeiramente piedoso para todos os males, para todas as inferioridades, para todas as illuzões, sobretudo para estas.

O *conhece-te a ti proprio*, aphorismo em que os antigos faziam, consistir um problema difficil, o mais difficil dos que avassalam o homem, creio-o hoje um banal conhecimento para todo o homem illustrado, senhor de vulgares bases scientificas.

Todas as crenças sinceras aprecio e respeito tão verdadeiramente, como me exaltam e repugnam muitas e hypocrisias.

Nunca ninguém me ouviu menosprezar o valor ou a virtude onde quer que estivessem e se ha sempre bandalhões para suporem que quem critica com aspeza é injusto, esses tem tido sempre a resposta no silencio que os irrita, silencio que os homens intelligentes comprehendem e que só os asnos notam.

Em Portugal dá-se, hoje, o curiosissimo caso de haver um unico partido onde ha algumas pessoas com convicções: — dos partidos monarchicos, é claro.

Esse partido formou-se ha pouco, ou melhor anda em via de formação e chama-se, — a imitação do partido francez — *Nacionalista*.

Dos outros, não vale a pena falar porque essas caranguejolas desacreditadas e impenitentes de ha muito foram lançadas ao desprezo por todos os homens serios, como por todos os corações bondosos.

As convicções politicas d'este joven partido, vem-lhe das convicções religiosas, e esse só o seu grande defeito; porque fundar a sociologia moderna em theorias mortas, em crenças ridiculas, é querer fazer um mundo velho, e querer voltar ao rabicho, ao terço, ao Terror religioso; é querer retrogradar, é querer morrer pela estupidez e pelo ridiculo.

D'onde se vê que dentro das formulas monarchicas o unico partido em que poderia haver esperança é justamente aquelle que deve ser lançado á margem, mais energicamente, porque viria juntar ás miserias da nossa vida attribulada, o rancor, o odio, a perseguição, a vingança do expulso, a fome do canibal a quem arrancaram os dentes a tiro e a bala.

Todos os males, as más qualidades de qualquer partido, não valerão juntas, a qualidade só religiosa

que qualquer d'elles traga como lemma. O elemento religioso predominante seja em que fór tem como corollario absoluto o despotismo, a guerra, a desordem, todos os crimes exercidos e impunes. Este é o summo mal, a suprema miseria da terra.

Na lucta travada em França pelo sr. Combes contra a educação religiosa, o comico tem tido uma larga exhibição. Esse é para rir.

Mas ha sinceridades tambem; sinceridades indignadas, tal a seguinte d'um collega nosso que respeitamos e combatemos. Diz elle:

«Os jornaes que combatem as medidas jacobinissimas do governo, publicam o seguinte confronto que é muito significativo:

«—AS GALÉS ABERTAS

O sr. Combes, por occasião da festa nacional de 14 de julho, fez assignar pelo presidente da Republica um decreto concedendo graças, commutações ou reduções de pena a 644 condemnados por crimes ou delictos de direito commum, assassinos, ladrões, incendiarios, detidos na Nova Galedonia, na Guyana franceza e nas casas centraes, penitenciarias agricolas e outras prisões de França e de Argelia.

AS ESCOLAS FECHADAS

O sr. Combes dirige aos prefeitos uma circular convidando-os a encerrar 3:000 estabelecimentos congreganistas, comprehendendo cerca de 10:000 professoras e de 200:000 alumnos. E' concedido ás ditas professoras um praso de oito dias para dissolução e dispersão.

Passado o alludido praso, os prefeitos procedem pela força ao encerramento dos ditos estabelecimentos.

Hão de concordar que d'este confronto resulta um ferrete indelevel de ignominia, para o sr. Combes, antigo frade e hoje primeiro ministro.—»

Esta do frade doe-lhes.

Percebe-se.

Quanto ao *ferrete de ignominia* — vá lá o chavão — duas palavras rapidas.

Tendo o crime perdido toda a sua significação terrorista, todas as suas qualidades infamantes vista a derivação pathologica da sua origem, poder perdoar é a mais alta função do poder, vista a maior aproximação da justica, pela piedade.

Como a Escola é o elemento mais proficuo, mais grave da educação; como d'ella depende o futuro, quasi por completo do individuo, character, aptidões, tendencias, ella precisa ser a mais elevada e clara expressão da sciencia moderna, que aboliu preconceitos e erros.

Toda a que não fór assim, o que ha de melhor a fazer-lhe é fechal-a. Isto será libertar os espiritos de penitenciaras moraes, de gales intimas.

D'aqui resulta que o sr. Combes foi o que ha de mais logico e coerente nos dois decretos; protegeu os galerianos das duas especies: — os do corpo e os da alma.

O ex-frade tem um grande espirito de liberdade, o que faz ver claramente que, n'elle, o dictado prevaleceu: — o habito não fez o monge.

Vae por este paiz uma febre do oiro.

Ora como isto de ter oiro — muito oiro! — como dizem os Harpagões de theatro, não é coisa tão facil como o ter sarna, na impossibilidade de o alcançarem pelos processos porque muitos politicos o tem alcançado e alcançam, resolveram seguir o meio mais pratico e mais facil — fazel-o!

D'ahi fabricas de dinheiro por todo o paiz: umas, vezes mãos, outras, succursaes das estrangeiras, a enchem o mercado de papel moeda e de mikes cunhados.

Isto soube-se, contou se, falla-se em todos os jornaes, todos os dias; noticiam-se prisões, rusgas, diligencias; descobrem-se mais passadores, apprehendem-se mais uns contos falsos e, — ó caso endiabrado! — a não ser o Banco de Portugal e a Policia, ninguém se importa com isso absolutamente para nada.

Estes crimes a que embalde se esforçam por desfear, passam na multidão como habilidades atrevidas; e, os falsarios, os criminosos, por mais que queiram encher-os de responsabilidades terriveis, sociaes e moraes, olha-os o publico como uns pobres diabos sem sorte que para em tudo serem infelizes, até foram apanhados a passarem notas tão bem feitas como as do Banco de Portugal e de Hespanha.

Repare se que isto é uma verdade.

Todo esse relato, de moedeiros falsos, de diligencias policiaes, de prisões, etc., já a alguém arrancou uma phrase de indignação? Já alguém a ouviu?

Uma provocação ou uma bofetada tem provocado no paiz, movimentos de opinião, interesse e excitação mil vezes maior do que todo o desenrolar da tragedia morna dos Blancos, dos Granates e dos Simões.

Ha hoje, no povo portuguez, uma indiferença absoluta, por tudo e por todos.

Esta indiferença, dadiã de Nossa Senhora de Não Te Rales, cristaliou na conhecida phrase — «cada um governa-se».— e faz que este bello paiz seja aquella melhor parte possivel do melhor dos mundos possiveis.

De modo que o que é logico fazer ante a opinião publica é, em vez de criminar os falsarios e de os mandar para a Africa, aproveitar-lhes a habilidade e mandal-os para a Casa da Moeda.

De resto, nada tem de paradoxal a idéa: em toda a parte os melhores malandros tem dado os mais habeis policiaes.



A Aranha.

«Em principio de agosto sobe a scena, no theatro D. Amelia, uma peça que despertará no publico enorme interesse e curiosidade.

Um grupo de distinctos artistas constituídos em sociedade, pediram aos illustres escriptores D. João da Camara, Julio Dantas, Moura Cabral, Lopes de Mendonca e Fialho de Almeida uma peça.

Reunidos, todos, acceitaram o convite e immediatamente deram principio á peça, que se acha já em ensaios d'apuro.

A musica é do festejado maestro Philippe Duarte, o guarda-roupa de Carlos Cohen, o scenario de Augusto Pina e outro de Rovescalli, de Milão.

A peça intitulada a *A aranha* é uma comedia phantastica em 1 prologo, 3 actos, 8 quadros e epilogo.»

Já se sabe que a peça «despertará enorme interesse e curiosidade!» Já se sabe, ó Chico?

Chama-se a *Aranha* e para a conta dos sete alfaiates: — sobejam dois: Cinco auctores, um musico, um guarda-roupa e dois scenographos!

Depois querem que lhes respeitem os nomes: associam-se n'estas burundangas theatraes, crassamente especulativas e exploradoras da miseria intellectual das plateias, e depois queixam-se quando um ministro os insulta desprezando-lhes votos e conselhos, ou quando algum *má lingua* affirma que são indignas de homens que prezam o seu nome — estas fancarias theatraes, reveladoras de desorganisações cerebraes e de fome.

Queixam-se? eu sei lá; do ministro não se queixaram: dos *más linguas* rir-se-hão superiormente... se o publico fizer de... mosca!

Que triste sorriso... e que triste paiz, para trabalhar.

Edmundo Navarro

Parte hoje para Rio de Janeiro e S. Paulo, este nosso querido amigo e nosso collega, encarregado de representar alli a *Comedia Portugueza* de que tem sido um brilhante collaborador.

Desejamos lhe do coração uma feliz viagem e para satisfação commum, o mais bello successo na sua propaganda, que auguramos valiosissima.

Até á volta.



FRUCTO PROHIBIDO

Descobriu sapientissimo doutor,
Homem de espantossissima finura,
Que no beijo, signal de muito amor,
Vae o microbiosinho de mistura:
Elle que assim o diz, é que é senhor
Da sciencia que as mazellas todas cura...
E eu, quando oiço falar um doutor velho.
Cuido que estou a ler n'um evangelho.

Mas não pense, meu sabio esculapino,
Que vem cortar o mal pela raiz;
Sempre a mãe beijará o seu menino
Embora traga ranho no nariz:
Sempre o pae beijará o pequenino
Que o encaixou no rol d'homem feliz:
É sempre o que é padrinho dedicado
Beijará a carinha do afilhado.

Sempre a rechonchudissima sopeira
Beijará o gallego besuntado,
Que subiu ás alturas da trapeira
Pra lhe... cantar em verso hespanholado:
Sempre o beijo, que a peixe podre cheira,
Ha de ser da policia cubiçado...
É sempre em varias casas conhecidas
Ha de estalar beijoca ás escondidas.

Sempre o patrão, pessoa muito honrada,
Quando pensa em mudanças de trabalho,
Assaltará com beijos a criada
Cuja bocca tresanda a assorda d'alho:
Sempre a carta d'amor será beijada,
Embora de borrões tenha o enxovalho...
Sempre se beijará santo de preço,
Seja feito de pau, de barro ou gesso.

Esta lei da beijoca não se acaba,
Pois já lá vem de traz! Ao pae Adão
Por mais do que uma vez caiu a baba
Quando deu na mãe Eva o seu chupão!...
Se o beijo se acabar logo desaba
O mundo e toda a sua criação...
Pois que os peixes se beijam lá nos mares
Como a passarinhada pelos ares.

Mas que fizeste, meu doutor chibante?
Tal falta de pensar é para espanto!...
Devemos esperar que d'ora ávante
Ande o beijo a estalar a cada canto!...
Não quizeste estudar lição prestante
D'esse proloquio conhecido ha tanto!...
*Todo o fructo, quando é o prohibido,
Consegue ser o mais appetecido.*

NOTAS FALSAS



PARLAMENTAR

JORNALISTICA



AMOROSA



ALIAFIGA



REIUCATIVA

ALIMENTAR PORTUENSE



POLICIAL



SPORTIVA

G. Galea



A VIRGEM

Mimosa nasce a flor e vive linda
Se arrancada não foi logo ao nascer;
Assim a virgem nasce e vive pura
Se o vicio não trabalha p'ra perder.

BRAZ MARTINS THAUMATURGO.

MOTE

Nasce a virgem como a flor
Ao sôpro da viração;
Quando surge o vendaval
Desfallece e cãe no chão.

GLOSA

Ao meigo sorrir da aurora,
Ao cantar dos passarinhos,
Rodeada de carinhos
Nasce a rosa encantadora:
E qual prenda que se adora,
Emblema de casto amor,
Por graça do Creator,
Pae de prodigios sem fim,
Da vida n'este jardim
Nasce a virgem como a flor.

Vae a flor na haste crescendo
Colhe da terra alimento,
E encara no firmamento
O sol que nasce ou morrendo:
Arômas vae desprendendo
Que ao olfacto gratos são;
E se não vem negra mão
Arranca a do terreno,
Vive n'um viver ameno
Ao sôpro da viração.

Mas esta flor melindrosa,
Que pura viver deseja,
Quando a sorte a não bafeja
Passa a ser flor desditosa!...
No seu rosal a formosa
Tem que soffrer duro mal!...
Chegada a quadra hibernal,
Não vendo luz de bonança,
Perde de todo a esperança
Quando surge o vendaval!

Assim tambem, por desgraça,
Neste mundo de torpeza
Onde a femeníl belleza
Livre de escolhos não passa!...
Se a negra sorte ultrapassa
Rigor, maldade, traição;
Se surge atroz furacão
Por entre nuvens de horror,
A virgem, tal como a flor,
Desfallece e cãe no chão!



LUCAS.

JARDIM DE EPICURO

As pessoas muito piedosas ou muito artistas poem na religião ou na arte um sensualismo exaggerado. Não se é sensual sem se ser um pouco fetichista, como o poeta o é da palavra, por exemplo.

Este attribue virtudes maravilhosas a certas combinações de syllabas, e inclina-se, como todos os devotos, a acreditar na efficacia das formulas consagradas.

Ha na versificação mais liturgia do que se imagina e para um poeta envelhecido na arte, fazer versos é como cumprir certos ritos sagrados.

Este estado do espirito é essencialmente conservador e d'ahi a intolerancia que lhe é propria.

Ao menos ha o direito de sorrir ao ver que, os que bem ou mal, pretendem t'er mais innovado são os que repellem as novidades com mais desgosto e cólera.

E' essa a queda geral do espirito humano e a historia da Reforma dá-nos, para o provar, exemplos tragicos.

Assim viu-se um Henry Estienne que obrigado a fugir para escapar á fogueira, denunciava os proprios amigos.

Conheci um velho senador, que tinha conspirado com todas as sociedades secretas contra Carlo: X, que fomentava dezenas de arruaças sob o governo de Julho, que tramára, já velho, varias conspirações para derrubar o Imperio e tomara larga parte em tres revoluções.

Era um velho, placido, doce, respirando a paz e o contentamento, na palavra e no gesto.

Um dia, porém, da janella do palacio ao ver um monomio de estudantes que desenrolava a cauda pelo jardim do Luxemburgo, transformou se, um brilho estranho lhe saltou aos olhos, e teve furor na phrase:

— Uma tal falta de ordem, na rua! exclamou elle, com a voz estrangulada pela cólera, é inacreditavel!

E, chamou a policia.

Era um bravo. Mas depois de ter feito arruaças temia-lhes a sombra. Os que tizeram revoluções querem ser os ultimos a fazel-as.

Taes os velhos poetas, com a sua poetica.

E' triste, quando se não é um sabio, ver a vida continuar depois de nós e sentirmo-nos submergidos no correr inalteravel das coisas.

Poeta, senador, ou sapateiro, todos se resignam com difficuldade a não serem o fim definitivo dos mundos, a razão ultima das coisas!

A. FRANCE.



Disseram varios collegas: « — João Alves, morador na Villa Dias, 97, tentou suicidar-se.

Foi preso. — »

Não sabiamos que em Portugal havia mais esta obrigação terrivel: — a de viver. Sabiamos que á força se tinham de pagar as decimas, as contribuições, os desperdícios e roubos dos governos, os caprichos dos Hintzes e outros mattoideos de farda, as prestações do Conventio, as tranquiibernias dos politicos, as asneiras dos economistas de contrabando que nos empobrecem, as alcavalas do sello, e toda a série de espoliações da engrenagem administrativa; mas que tambem, á força, tinhamos de viver para aturar tudo isto é que nunca nos passou pela cabeça!

N'este paiz nem já ha o direito de morrer!

Quando um homem tenta suicidar-se, é preso! Que terrivel castigo não espera das auctoridades justiceiras, aquelle que completar o designio — aquelle que se suicidar!

E andam os comediographos a imaginar ratices, pilherias, inventos...

F. Offenbach morreu!

Telegraphia comica

— «Caldas da Rainha, 29, n. — A's duas horas, menos 5 minutos da madrugada de hoje, sentiu-se aqui um violento abalo de terra acompanhado de um medonho rumor, semelhante ao rodar d'um carro, que despertou e horrorisou todos os habitantes da villa sendo notado igual effeito nas povoações visinhas.

«Já na vespera pelas onze horas da noute até á uma hora da madrugada se observou o cruzamento de muitas estrellas chamando o phenomeno a attenção de muita gente.

«Na sexta-feira passada, pelas 10 horas da noute tambem muita gente presenciou que uma enorme estrella um pouco ao sul, depois de dar tres fortes lampejos semelhantes aos do pharol de Peniche, desapareceu, deixando um rasto luminoso após de si.

«Estes factos trazem em sobresalto muitas pessoas. — Fiquei com curiosidade de ver os carros das Caldas, que fazem rumores medonhos!

O phenomeno das estrellas já é antigo: todavia é bom não o perder de vista... por causa do sello.

E quanto á estrella que deu tres fortes... lampejos, isso é que é mais sério. Combinando o rumor medonho dos carros, o cruzamento das estrellas, e os tres lampejos, conclue-se que algum cataclismo ameaça a famosa estancia das Caldas da Rainha.

Isso é vulcão que vae rebentar e reduzir tudo a *vacas*.

Deus lhes acuda.



É A TAL COISA

As freiras frescas do Rego,
Mais formosas do que um cravo
Sacudiram do conchego
As velhas do Desagravo.

P'los modos, as taes velhinhas,
Tabaqueiras sem eguaes,
No cantar das ladainhas
Já se engasgavam de mais.

As do Rego (diz-me o Froes,
Solista da nova escola)
Cantam como rouxinões
N'aquella santa gaiola.

E o padre, que sobresáe
No seu cantochão catita...
Gosta do canto que sáe
D'uma garganta bonita.

O padre não é papalvo,
Da musica sabe a escala...
E aquelle que acha pão alvo
Não vae comer pão de rala.



«No gabinete do sr. dr. Rodrigues dos Santos, chefe d' 1.ª repartição do ultramar, foi installado o quadro intitulado: «As onze mil virgens», mandado remover de Loanda para Lisboa.

«Este quadro que foi encontrado nas ruinas do Collegio dos Jesuitas pelo sr. conselheiro Cabral Moncada, mede 3 metros de comprimento por 2 de largura e é pintado sobre lamina de cobre.

«Tem um grande valor artistico, estando muito bem conservadas a maior parte das suas figuras.»

E' indiscutivelmente uma riqueza!

Quadro encontrado nas ruinas d'um convento de Jesuitas, pintado em cobre, com—As Onze Mil Virgens—em 3 metros de alto por 2 de comprido, — não tem que ver — é mandal-o fundir e cunhal-o em vintens.

PERGUNTAS AO MESTRE

1.ª

Como não sou um machucho,
Pergunto, e diga-me já
Se na palavra debuxo
Se põe *x* ou *ch*?

2.ª

Diga me, faça favor,
Se a discorrer não lhe custa:
Quem seria o inventor
Do *p á pá Santa Justa*?



O Papa pede esmola para a reconstrucção do campanario de S. Marcos. Criticámos no ultimo numero o pedido, como improprio e deshonesto.

A noticia seguinte justifica a opinião.

D'um jornal catholico:

«— As despesas annuaes do Papa andam por mais de 1:200 contos de réis.

«Recebe para o seu bolso, 90:000:000 réis, com os quaes compra presentes para os reis, objectos de arte e faz esmolas; 116:000:000 réis, são destinados aos honorarios dos cardeaes; 82:800:000 réis gastam-se com as diocesses pobres, a titulo de subsidios extraordinarios e com os seminaristas; 324:000:000 réis são para a conservacção de todos os palacios e egrejas pertencentes á Santa Sé, para todas as despesas da côrte pontificia, dos museus, do palacio do Vaticano, etc.; réis 130:000:000 custa a secretaria do estado, para nuncios, prelados enviados em missão; 270:000:000 réis, dividem-se em pensões aos empregados que ficaram fieis á Santa Sé depois da queda do poder temporal: réis 216:000:000 para esmolas, etc. —»

Isto é o que se chama pobreza franciscana.

Já Gil Vicente dizia, valha a memoria:

Cubri o carão que trazeis doirado
O representantes do crucificado...



O sr. Passos do Porto, que não é bem o senhor dos Passos da Graça, ainda que tenha tambem as suas gracinhas, acaba de encontrar a formula de alimentacção para o povo portuguez.

A farinha d'este senhor, de que se fazia pão, salvo seja, compunha-se de serradura, casca de arroz e de gesso.

Só n'um dia, o cavalheiro despachou 6:000 saccas para os consumidores!

E ainda dizem que não ha commercio em Portugal. Saltam todos a gritar contra o homem que mais ousadamente arrostava contra o deficit dos trigos — exportação annual de milhares de contos para o estrangeiro —! Que é um vilão, um envenenador!

Será; mas é um critico

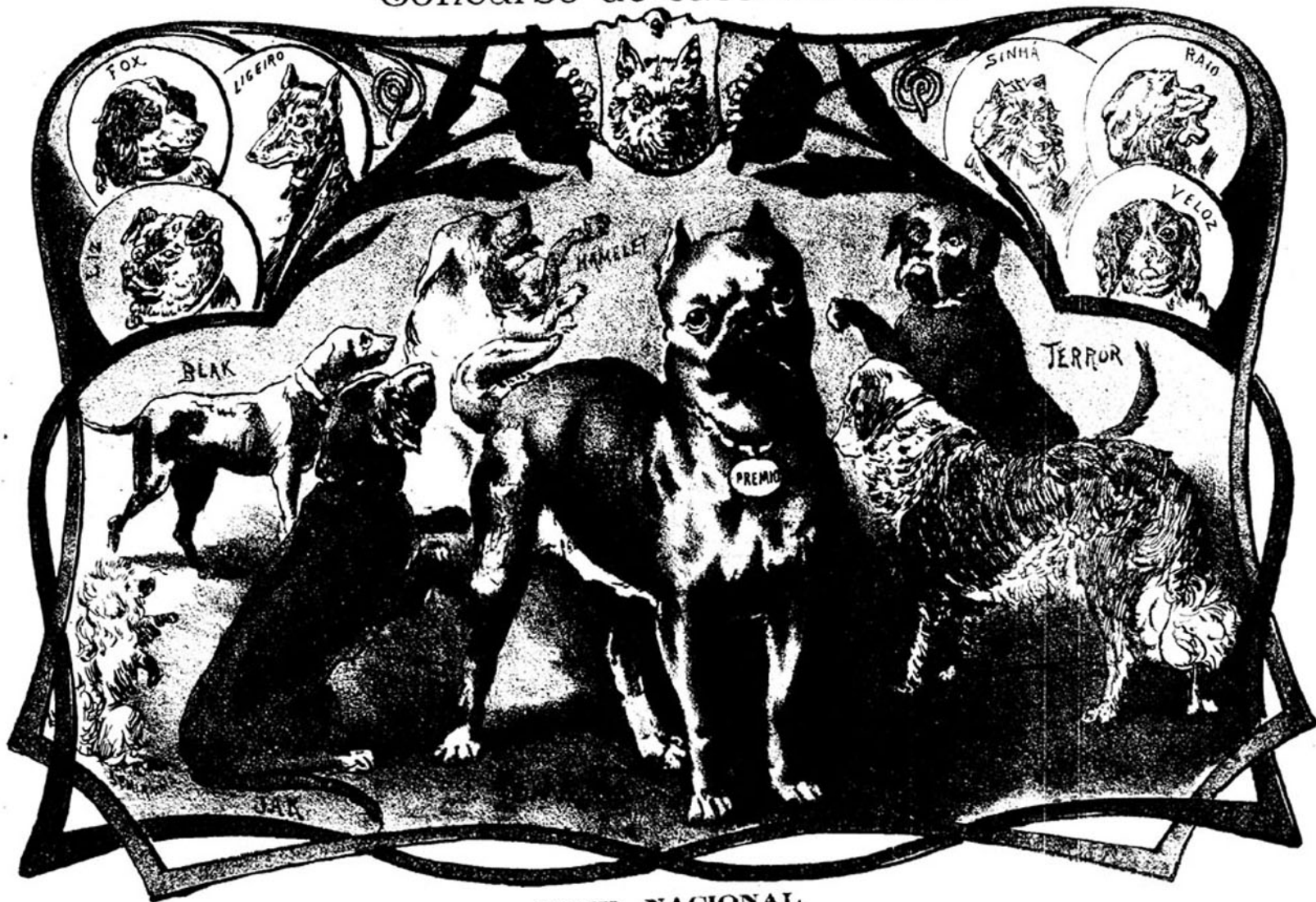
E é ainda um critico generoso! Um povo que tolera Hintzes e companhia, que perdeu completamente o sentimento da dignidade propria, que deixou roubar-lhe todas as liberdades conquistadas com sangue, que vive, n'uma somnolenta estupidez, n'uma atmospha fetida de miserias e de torpezas, esse povo deve ser alimentado... a palha!

O sr. Passos dando-lhe casca d'arroz é ainda d'uma generosidade evangelica.

Pede-se a ordem de Christo para o Passos e o decreto da palha para o Paiz.

O seu a seu dono.

Concurso de cães-no Porto



CANIL NACIONAL

Como era de prever foi conferida a medalha d'ouro (1.º premio) ao bello exemplar *Convento*.
Toda a gente sabe quem é o dono d'este lindo cão.
Parabens ao governo.



O COMEDIANTE PORTUGUEZ

Director—MARCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39 COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. lith. R. de Souza & Salles R. N. do Loureiro, 25 a 39

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros)	1.000 reis	Brazil, anno (52 numeros)	2.500 reis
Semestre (26 numeros)	500 reis	Africa e India Portuguezas, anno	1.000 reis
Cobrança pelo correio	100 reis	Estrangeiro, anno (52 numeros)	1.500 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º

REVISÃO
SEMANAL
CRITICA
POLITICA
ARTES
COSTUMES



Manuel da Silva Pontes Junior

MANUEL DA SILVA PONTES JUNIOR

Na brilhante pleiade de homens illustres do Brazil, destaca-se o consul d'esta republica, cujo retracto, honra hoie a modesta galeria da *Comedia Portuguesa*.

Manuel da Silva Pontes entrou para a carreira consular em 1882, tendo exercido o consulado em Shangai, Marselha, Londres, Paris, donde veio para Lisboa.

E' um espirito lucido, uma bella intelligencia e um primoroso character.

Estas qualidades lhe tem merecido e continuarão a merecer, entre nós, uma grande sympathia junta a uma alta consideração.



Este meu espirito! por mais que tenha tentado dominal-o, por mais que tenha pretendido domal-o, impôr-lhe as minhas conveniencias, o socego, a paz da minha vida, nada consegui ainda. Como um rapaz de escola, livre da palmatoria official, corre-me, sempre, louco e apopletico de fadiga, por essas largas estradas da phantasia, onde se harmonisam na plastica collosalmente bella dos quadros intimos, intimamente sonhados, as curvas hyperbolicas de estatuas nuas de mulheres, os fogos dos ceus e o cantico das aves.

Um doido que caminha.

Ha uma hora, que me sentei á meza, decidido a traçar o rapido esboço da semana que passou; ha uma hora que elle me martyrisa na desordenada carreira, impossivel de reter, feroz, brutal.

No seu carro de fogo, que queima a materia, como o carro de Phetonte queimava, guiado por mão inexperienced e fraca a epidermie da terra, tem atravessado, na electrica carreira, os seculos e as gerações dos tempos blicos aos hodiernos dias positivos.

Como a sombra, que reproduz, projectando-se no solo, a queda em flecha d'uma aguia no espaço, que nada toca pairando por tudo, que em nada se detem galgando estorvos, assim elle caminha, do cair diluviano das aguas ao cair dos imperios, das religiões as sciencias, dos amores aos crimes!

De tudo isto, restar-lhes-ha mais tarde, quando a febre cessar, uma imagem phantastica, n'um kaleidoscopo gigante, onde se confundem, misturam e atropellam as linhas, a luz, as côres, os gritos e os beijos. Este meu espirito!

Como, ás vezes, chego a adorar a placidez marmorea do cerebro do meu visinho barão!

Que lhe importa, a elle, o que foi o mundo ou o que ha de ser; se o sol que doura a face das mulheres, cresta os trigaeos e vitalisa os vermes?

Que lhe importa, a elle, o mundo, os dramas da carne e os dramas da miseria?

Que tem elle com isso? pende-lhe ao lado, na casaca negra a fita bicolor, com que á suprema munificencia approuve galardoar-lhe os antigos serviços... na tenda! Falso como o assucar que engessou, o mundo causa-lhe riso; falso, como a manteiga que vendeu, a humanidade enoja-o.

Eis a sua mais alta comprehensão! Desde que o mechanismo do cerebro deixou de mover-se, nos calculos das duzentas e cincoenta grammas, enferrujou-se.

A humanidade, julga-a, e resume a na freguezia antiga. «Conhece muito bem os homens», diz elle; e este

convencimento da sciencia psychologica, vem-lhe d'umas contas insoliveis, n'uns cadernos d'almasso pautado, e azul.

Em historia, ouviu fallar na Maria da Fonte, e no Remechido; em sciencia, esteve, uma vez, para aprender grammatica e deu toda a taboada!

Nada no mundo lhe doe, a não ser um calo de joanete, que se lhe aggravou ha uns bons annos, d'uma pancada n'um barril.

Bafejou-o a fortuna, cresceu-lhe o abdomen, em contraposição aos dos freguezes que arruinava; emquanto estes chegavam ao alto de S. João, elle chegava a benemerito; emquanto os degraus da sua escada de ladroeiros caiam tornados em esterco, elle elevava-se no patamar, transformado em nobre fidalgo.

Que feliz barão e que prodigiosa chymica social!

Que feliz. Está agora na cocheira vendo o baio...

Mas afinal a chronica da semana, não apparece, para justificar, ainda mais, a indemabilidade do meu espirito.

E' arida tambem, a semana, em casos que valha a pena contar.

Como uma charneca alemtejana, queimada no verão, ella é, monotona, sem interesse.

Esta aridez, fatal nas grandes cidades mal entra-o verão, revela-se na fuga.

Toda a gente se vae.

Ha uma atracção, ao longe, poderosa e eterna: o Mar.

O Mar!

Era bem pequeno, ainda, ha tantos annos! quando o vi pela primeira vez.

A grande distancia, mal percebendo no horizonte uma ligeira faixa azulada, fizeram-me parar no alto de um serro, para ouvir o trovoar das ondas que quebravam na praia longinqua.

Escutei silencioso.

Um ruido enorme chegava, de espaço a espaço, aos meus ouvidos, agonizante, galgando e esmorecendo por quebradas e montes, como diluvio de gemidos, que uma geração inteira soltasse nas agonias da dôr, por cada vez que o *knout* tyrânico d'um senhor, lhe rasgasse com a dentadura d'aço o dorso dolorido e sangrento.

Apoderou-se de mim a viva curiosidade dos que nascidos entre montes, só viram nas furias das invernias, o pequeno rio, rasgar os combros, galgar os açudes, arrastar as azenhas.

O Mar!

Que enorme deveria sêr para rugir assim!

Mal que a carreta alemtejana parou na rua arenosa do povoado, corri, ao longo, á praia, onde rugia o leão furioso, preso nos dentes das rochas, e pude ver-lhe o arcaer convulso do dorso e o estrelhejar da longa juba, açoutando, frenetica, o areal luzente. Que bello é o mar!

A esta hora tu estás, talvez, amavel leitora, sentada languidamente na praia, na indolencia da primeira hora, que segue ao banho, na voluptuosidade d'uma frescura incomparavel, rindo das figuras ridiculas dos que sahem das ondas, commentando alegre, maliciosa e finamente, a deficiencia do estofo sobre as linhas ondeadas de corpos brancos de momentaneas deusas do Oceano!

Que vaidosas, não é verdade?

Tudo o que Deus fez de mais bello esconde-o, religiosamente, em estojo de difficil segredo.

E' assim que elle occulta no centro da terra os diamantes com que ornas os cabellos; no fundo dos mares as perolas com que sombreias o collo; no infinito dos espaços as estrellas que te arremedam o olhar!

Não é como se elle dissesse á mulher, esconde ao exame do vulgo, as maravilhas da tua belleza incomparavel?

Não é o pudor a mais adoravel coisa do mundo? porque não conservar esta flor de eterno aroma, aberta, castamente, no mais intimo recanto do coração?

Era n'isto que tu pensavas, adoravel leitora, tu, distinctamente bella, no teu exame de typos, fazendo mover em caprichosas voltas, sobre a tua cabeça meridional, a sombrinha escarlata, cheia de *chalets* phantasticos, onde poisam cegonhas brancas e a cujas janellas espreitam curiosas as cabeças calvas de mandarins.

Não é verdade que adivinhei o teu sorrir? ri, como tu és bella rindo! que lindos dentes!

Mas o Mar... como está manso hoje; como vem rasteiro e humilde lambe-te os pés, e no entanto, esse sabujo enorme d'agora, amanhã, quando o teu rosto formoso tiver deixado de o accorrentar ao pótro dos amantes, amanhã, longe de ti, cioso, em quanto tu ouvires Berlioz ou Wagner ou Verdi ou Donizetti, no teu camarote da Opera, elle galgará os rochedos entre borbulhões d'espuma, fará ressoar com seus uivos os concavos das penedias, e sepultará nas suas entranhas, homens e vidas, espalhando ao redor de si a orphandade, os gritos e as lagrimas!

Tal foi na primeira noite em que o vi: uma noite terrivel em que os gritos das mulheres desgrehadas saiam, como silvos, d'entre o fragor das aguas, e ao longe nos barcos em perigo, se via, ao clarão dos relampagos, sombras de braços que se erguiam ao ceu, n'um desespero de preces.

E no entanto vê, tu, como elle é calmo; como balouça docemente o corpo no berço do leito como uma creança que a mãe embala.

A onda que rola sobre os corpos é certa e mansa, a franja da ressaca, branca, como as rendas do teu vestido de baile.

Será que a tua presença o magnetise? não sei; em Roma, no Circo, os leões sedentos, lambiam, dóce, amorosamente, os rostos pallidos das virgens!

Deante d'uma mulher ha apenas no mundo uma classe: — os humildes: os que se levantam contra o seu imperio, são os despeitados, apenas.

Queres tu saber? e é curioso isto: as melhores phrases contra as mulheres, são dos maiores apreciadores, dos mais felizes mortaes, dos *leões* da humanidade.

O sr. Byron fallando de tempestades exclama: vi as das mulheres e as do mar; lamento mais os amantes do que os marinheiros

O grande Sakspeare compara-as, na perfidia, com o mar; mas passeia pelas antecamaras reaes e cria Ophelias, Desdemónas e Julietas.

Salomão diz: a mulher é mais amarga do que a morte; este ratão tinha, rezam os livros santos, a bagatella de setecentas; calcule-se como o desgraçado teria a bocca!... e a quantidade de assucar que seria precisa para adoçar aquelle abysmo de fel.

Pobre Salomão!

Santo Agostinho exclama, cheio de susto: e questão de summa gravidade.. o saber se as mulheres, no dia do juizo final, resuscitarão tendo o mesmo sexo; porque é para receiar que cheguem a tentar-nos, ante a face de Deus!

Compreende-se; este pobre e sábio santo, até aos trinte annos, não conviveu com outro sexo.

A pobre da mãe, uma santa senhora, (fallemos vulgarmente) punha as mãos na cabeça, pelas eternas estroinices do filho.

Este, um bello dia, n'uma floresta, ouviu, se bem me lembra a historia, não o canto d'um rouxinol, ou d'um melro, mas cousa mais extraordinaria: — a voz de Deus!

Deixou tudo, como hoje se diz. Mandou ao demónio as tentações, em que gastava a virilidade e foi-se para o dono da voz.

Não admira, por isso, a sua phrase: eu se ouvisse um dia uma cousa d'estas, era capaz de fazer tolice inda maior.

O que resta provar, e, paraphraseando o santo, é questão de gravidade, é o resolver se o receio que o mesmo tinha da resurreição do sexo fraco, era por causa do dono da tal voz, ou pela rasão de, n'esse dia, o vir-

tuoso varão, só poder reaparecer, com os trinta, feitos, de ha muito.

Eis o caso que deixo aos theologos.

Já vês, leitora, os teus detractores; uns desgraçados para quem as uvas estão verdes, ou maduras de mais.

Ha porém, francamente, um ponto negro na defeza: — é um proverbio francez.

— Sim é... maldito proverbio!

O proverbio é a voz do povo; voz do povo é a voz de Deus.

Desculpa-me, é este, em portuguez vulgar: para um homem que perde, ao mesmo tempo, a mulher e oito tostões, a maior perda é a dos oito tostões!

E' cruel! elle ha proverbios mais tolos!

E, V. Ex.^a sr. Barão... tinha ficado na cocheira... pois deixe-se lá ficar.



MOTE

Encontrei hontem na estrada,
O meu amor d'algun dia:
Quando elle ria eu chorava,
Quando elle chorava eu ria.

M. MESQUITA.

GLOSA

Estava a romper o dia,
Segui caminho do monte;
Murmurava ao longe a fonte.
A passarada surgia;
A briza dava alegria,
Doce, meiga, perfumada;
E n'aquella hora fadada,
De inda dubia claridade,
Amores de tenra edade
Encontrei hontem na estrada.

Amor, ouvia os descantes
De matutinos pardaes;
Tinha dez annos a mais,
Mas era bello qual d'antes!...
Parei; e em breves instantes
Patenteei lhe alegria:
E, esmerando cortezias
O passado recordando,
Curvei a fronte, saudando
O meu amor d'algun dia!

Vi como aurora d'amor
No amor que foi meus enleios...
Lembrei-me dos devaneios
Que dirige a flor á flor!...
Um sorriso encantador
De seus labios se escapava...
Porém eu, que me lembrava
Das glorias que havia tido,
Sentia o peito opprimido,
Quando elle ria eu chorava!

Mas, no recordar paixão
De edade juvenil, pura,
Vem a sombra da loucura
Toldar a luz da rasão!...
Emmudecemos! Então
Tudo um abraço exprímia;
Tudo alli se confundia
Nenhum sabia onde estava...
Quando elle ria eu chorava
Quando elle chorava eu ria!

LUCAS.

JARDIM DA FOZ... DO TEJO - À BEIRA MAR PLANTADO



P. Valença

Cantora d'alto cothurno.
Voz de mando, inda que doce:
Fez a carreira e o renome
No theatro de Trajouce.

Pequena, alegre ladina,
Vinda dos seios da Alfandega.
Pasta, governo, paiz.
Tudo pra ella e uma pandega!

E' dama que nunciou.
Perna fina e ar coez,
Casaco negro e obostranco...
So uma vez se souz:
Foi no palcos de S. Ima
Na despedida do Espoo...
Segredos de estupido!

Cantora muito modesta.
Voz fraca, sem aspereza:
De cara não nus espanta
Mas de corpo... uma belleza!

Modo grave e doces vistas.
Dança e voz tudo plangente:
Chama-se *lyris pendente*
No calfo dos jornalistas

Senhora de boas bigodes
Boa perna e voz de escacha:
Navega em aguas mexidas:
Mas sonda na maré baixa.

JARDIM DE EPICURO

Diz-se que o estado meditativo é a causa de todos os nossos males.

Para crêr este estado tão funesto é preciso exaggerar-lhe muito a grandeza e o poder.

Na verdade a intelligencia impera bem menos do que se pensa sobre os instinctos e sobre os sentimentos naturaes, mesmo nos homens de maior talento, que são como os demais egoistas, avaros e sensuaes.

Jamais se verá um physiologista submeter ao raciocinio as pulsações do seu coração ou o rythmo da sua respiração.

Na civilisação a mais elevada os actos a que o homem se entrega, levado por qualquer methodo phylosophico são pouco numerosos e insignificantes em comparação com os que determinam o instincto e os sentidos; e nós reagimos tão pouco contra os actos reflexos que eu não ousou affirmar que haja nas sociedades humanas um estado intellectual opposto ao estado natural.

Um metaphysico, vendo bem, não differe do resto dos homens tanto como se pensa e como elle quer que se pense.

O que é pensar? Como se pensa? Pensamos com palavras.

Pensae, pois, que o metaphysico não tem para constituir o systema do mundo, mais do que o grito aperfeiçoado dos macacos e dos cães. O que elle chama especulação profunda e methodo transcendente é o pôr umas após outras, n'uma ordem arbitraria, as onomatopéias que exprimiam, nas florestas primitivas, a fome, o medo, o amor, a que mais tarde se ligaram, pouco a pouco, significações que julgam abstractas e que são— apenas confusas.

Não ha perigo de que esta série de pequenos gritos apagados e enfraquecidos que compõem um livro de phylosophia, nos uigam tanto sobre o Universo que n'elle não possamos viver.

Na noite commum, o sabio encosta-se á parede, enquanto que o ignorante permanece, tranquillamente, no meio da casa.

A. FRANCE.



PERGUNTAS AO MESTRE

2.^a

Diga, por que é que o gallego
Que de Redondella são,
Escreve com um i grego
O doce nome de pay?

2.^a

Se estas perguntas banaes
Attende vossamercê,
Diga por que, entre vogaes,
O s vale por r?



Desde que o sr. Arroyo teve na câmara a comica e parlapatona phrase — para traz e de joelhos — contra o sr. Fuschini, não se lê nos periodicos senão, por dá cá aquella pallia:

- Para traz, farçantes!
- De pé, nós; de joelhos; vós!
- Para traz e de joelhos!
- Para traz e de rastos!

Lembramos aos escriptores que ha ainda uma phrase de grande effeito pela posição que exige. E' esta:

- Para baixo e de côcoras!

r. deliciosa. É aquella em que nós estamos... a vêr.

TERNURAS

«— O Dia referia-se hontem a boatos que tinham corrido acerca da saude do sr. presidente do conselho.

Agradecendo ao nosso illustre collega o sentimento que lhe inspirou as ultimas palavras da local, temos o prazer de lhe affirmar que nunca, nos ultimos annos, a saude do eminente estadista esteve tão completamente boa.

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro, em seguida ao encerramento das cortes, teve uns pequenos accessos febris, motivados, segundo se presume, nas exhalações d'um cão que se abriu na rua de S. Bento. Esses accessos passaram já ha algumas semanas, tendo passado tambem o natural canção de quem, como sua ex.^a, tão extraordinaria actividade parlamentar desenvolveu, etc.

Assim é que o prestigioso chefe do partido regenerador, uma vez encerradas as côrtes, conseguiu recuperar, dia a dia, a plenitude do seu vigor, encontrando-se actualmente no mais completo e perfeito estado de saude, com o que sinceramente nos congratulamos.—»

Rejubilemos todos.

Mas o que seria bom dizer é que além de se ter fechado o cano da rua de S. Bento (vulgo camara popular) sua excellencia fez ainda uso das *Pilulas Pink*, cujos preparadores M. M. Goblin e C.^a pharmaceuticos de primeira classe, rua Buller, Paris, recebem diariamente centenas de cartas de agradecimento dos grandes politicos estafados de todo o mundo.

Hurrah! pelas pilulas Pink.



BOA VAE ELLA!

Lá por perto de Alcobaca,
Terra de pecegos finos,
Ha um padre que embarça
O baptizar dos meninos.

Alguem de lá vem dizer
Com a clareza precisa,
Que os baptiza quando quer,
E, se não quer, não baptiza!

(No final d'esta oração
O typographo porá
O ponto de admiração
Mais gordo que houver por lá).

Pois o heroe de sachristia,
Deshonrando o solidéo,
Quando lhe dá na mania
Põe tranca á porta do céu?!

O' meu caro patriarcha,
Ensine-me este prior...
Olhe que elle encalha a barca
De S. Pedro pescador!...

Qu'rer eu um *néne* christão,
E vir o *gajo* dizer:
— Venha n outra occasião,
Que tenho mais que fazer?!

E se morrer o *petiz*
Por trazer microbio interno,
Não vae bater co'o nariz
Lá nas profundas do inferno?!

Telegraphia comica:

«Paris, 3, m.—Hontem, em Firminy, quando o commissario de policia terminava a opposição de sellos nas portas do estabelecimento congreganista, o parochio quebrou os sellos declarando ser o senhorio do predio, e em seguida uma mulher esbofetou o commissario.

O padre e a mulher foram entregues á justiça.—H.»

Este padre não faz excepção aos senhorios, nos maus instinctos; e, comprehendendo-se lhe a indignação se e a elles que compete pôrem os inquilinos na rua e não o serem postos.

Quanto á dama deve ser irmã do figado de qualquer santo que o tivesse mau, pois que a irmandade de um coração bondoso se lhe não pode attribuir pela ligeireza das mãos.

Ha de ser do figado de Santo Agostinho que peios modos morreu de ictericia.

Aguas com ella.

«—Santarem, 6, t.—Pela 1 hora da tarde ardeu um pinheiro no casal do sr. dr. Anachoreta, perto da Escola Agricola. Os prejuizos foram completos e devido ao pessoal da escola salvou-se a casa de habitação contigua.

Um burro que estava preso no palheiro ficou cego e horrivelmente queimado no lombo.—»

Perdão; os prejuizos não foram completos.

Ardeu o pinheiro todo: meio prejuizo.

Ardeu metade do burro: um quarto de prejuizo.

Logo: houve tres quartos de prejuizo.

Aviso á companhia de seguros.



Soneto no caso — obrigado á rima

Surge um ministro em França, nada *guesso*
O qual apresentando fibra d' aço,
Notou que o jesuita era *embaraco*
E travão na carroça do *progresso*.

O ministro, que odeia o *retrocesso*
Que a mais e mais agigantava o *passo*,
Torceu-lhe a ventá, levantou o *braço*,
E afastar com o pé quiz o *tropêço*.

Não gostou o jesuita nada d'isso,
Mostrou-se mestre eximio na *laracha*
E abandonar não quer o seu *cortiço*.

Diz que quer *liberdade!* Pois não *acha*
Que a lagarta depois do seu *serviço*,
Pede o tacão da bota que a *esborracha?*



A comissão administrativa da Camara Municipal, manda suspender os exercicios de bycicletas, no Terreiro do Paço, depois das 10 horas da manhã.

Tem razão a camara. Os rapazes nos giros permanentes em redor da estatua perturbavam a cabeça do régio cavalleiro e faziam-lhe tonturas.

Depois tem havido uma tal quantidade de atropelamentos e mortes que a medida tornou-se urgente.

Lá isso de ruas fedorentas, cnnos abertos, pateos immundos, aterros fétidos, carnes caras, pães carissimos, et cœtera, isso fica para depois.

Sim, o que é preciso é não incommodar os transeuntes «á hora do expediente das secretarias», como diz um collega.

Não perturbem as abelhas que saem dos cortiços; isso influe na qualidade do mel.

Paz aos que *trabalham!*

NO BERÇO DA LIBERDADE

Em o berço da nossa liberdade,
Que guarda o coração do heroe Dadór,
Apresentando tal preciosidade
Como um dos seus braços de mais valor;
N'essa famosa, e mui leal cidade
Onde o *Zé* foge á mandria com horror.
Introduziu alguém o invento novo
De pão de serradura dar ao povo.

De maneira que o pão, que vae p'rá meza
Do clero, dos plebeus e fidalgotes.
Mostra-se tão notavel na dureza
Que só se parte á força de serrotes:
As facas, variadas na grandeza,
Levaram do progresso os piparotes...
E todo o que não sabe usar da serra
N'aquelle pão de pau dente não ferra!

Falta vir com feitto afrancezado
P'ra ser da novidade o complemento:
Pão de luxo nas côdeas *aplainado*
E passado a verniz de polimento;
Pão que nos deixe o olho consolado
Antes de nos trazer o putimento.
Pão que abandone as lojas dos *padeiros*,
Indo o lucro augmentar dos *marceneiros*.

O invento, na verdade, não é mau.
Dá á tripa a rigeza d'uma viga...
Só me falta saber se o pão de pau
Póde criar caruncho na barriga.
Salta um doutor do mais insigne grau
E esclareça este ponto *sem cantiga*...
Pois cantado será em rima teza
No jornal—A *Comedia Portugueza*.

Em Portugal o merito não falha!
(Verdade sã que de espalhar me incumbos)
Ergam as phylarmonicas batalha,
Ronquem trombones, e troveje o bumbo...
Peço para o inventor uma medalha
De pechisbeque, de latão ou chumbo...
E espero tenha as honras da esculptura
N'uma estatua... tambem de serradura!

Famosas terras descobriu Colombo
Depois de percorrer larga derrota,
O Gama deu, no mar tombo e mais tombo
Para trazer trophéus de terra ignota.
A Inglaterra inventou *beefs* de lombo.
O coelho guizado a Porcalhota...
Mas o Passos fez mais na patria minha.
Inventou fazer pão — sem ter farinha!¹¹

VENANCIO.



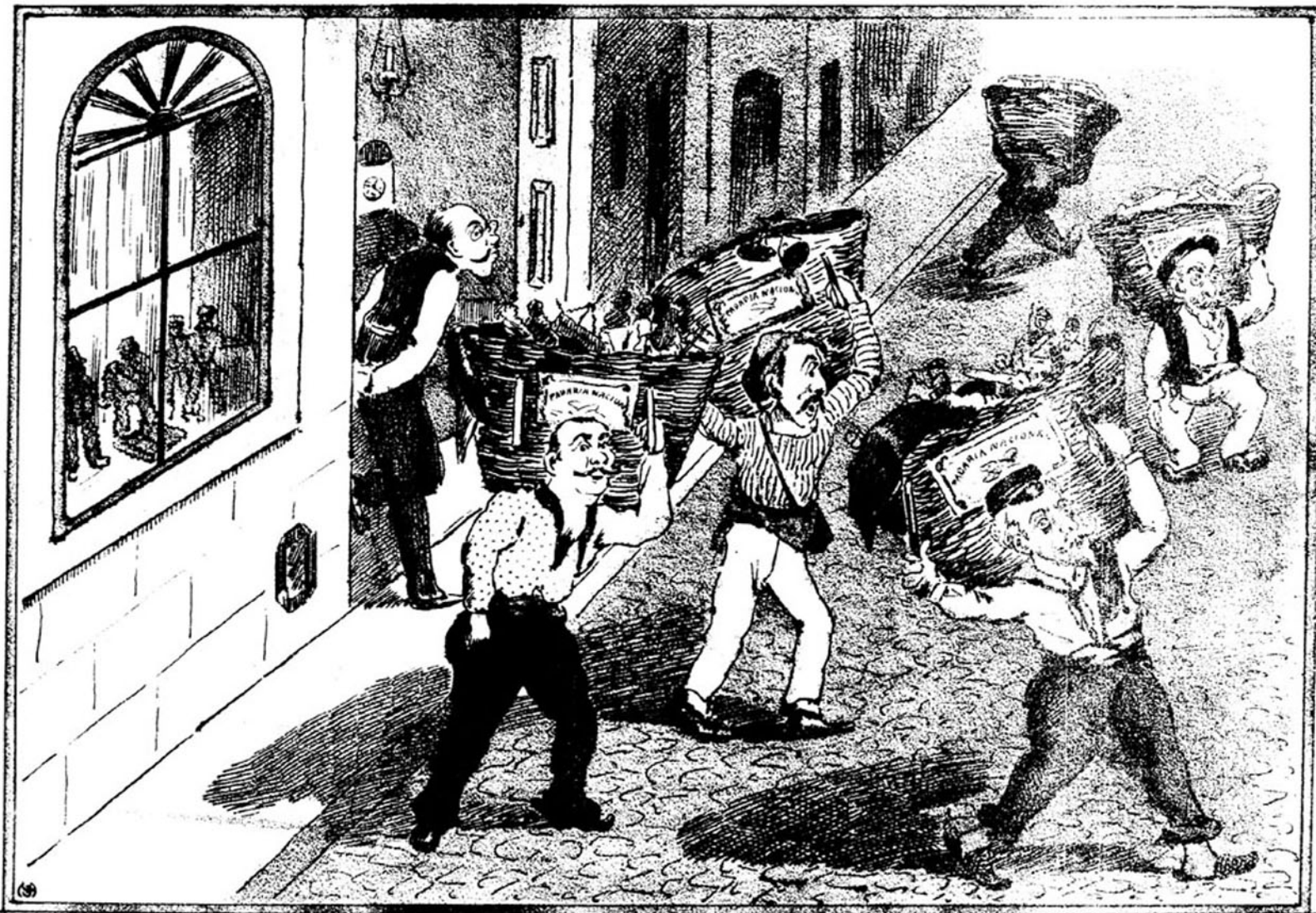
«O medico da armada sr. Flavio Norberto de Barros foi mandado seguir para Livorno, afim de fazer parte da missão naval que está assistindo, na Casa Orlando, á reconstrucção do couraçado *Vasco da Gama*.»

Ha pois agora dois doentes a preoccuparem a attenção publica em Portugal—o rei Eduardo VII de Inglaterra e o couraçado *Vasco da Gama* na enfermaria da casa Orlando, em Livorno.

Do rei Eduardo já sabemos que soffre de appendicite, do nosso cruzador esperamos do dr. Flavio Norberto a fineza de publicar a doença para nosso descanço.

De que demonio soffrerá o cruzador?

PADARIA NACIONAL



PATRÃO — Olho no pezo e na polleia.

Comédia

Arte
Semana
CRITICA
POLITICA
LETAS
ARTES, e
COSTUMES



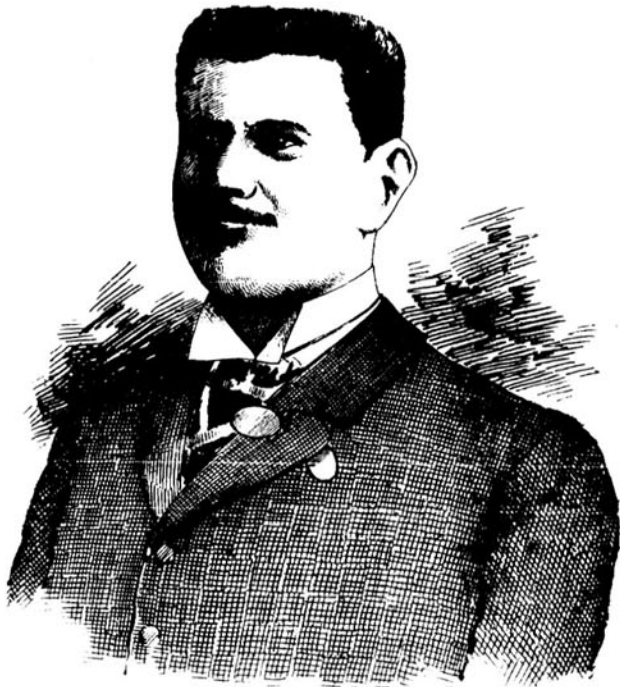
PORTUGUEZA

Director — MARCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. do Loureiro, 25 a 39

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)	
Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 18000 reis	Brazil, anno (52 numeros)..... 25500 reis
Semestre (26 numeros)..... 9500 reis	Africa e India Portuguezas, anno... 18000 reis
Cobrança pelo correio..... 1100 reis	Estrangeiro, anno (52 numeros).... 18500 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travesa da Boa-Hora, 39, 1.º



H. CONTREIRAS D'OLIVEIRA

H. CONTREIRAS D'OLIVEIRA

E' pelo coração, que Contreiras d'Oliveira tem hoje lugar no nosso jornal.

Descendente de portuguezes, honra, hoje, no Brazil pelas altas qualidades do seu espirito generoso a — terra de seus avos.

E' um brasileiro illustre, a quem Portugal muito deve porque lhe perpetua honradamente o nome e a fama.



Vão lá fazer critica geitosa com um sol d'estes. Vão lá notar defeitos e ridiculos perante a orgia de luz que desce do alto, ha tres dias n'uma opulencia meridional.

Bem dizem os propagandistas da instrucção, os apostolos das sympathicas idéas da democracia, — que a luz é tudo!

Elles querem luz em todas as camadas, em todos os palacios, em todas as choupanas.

Eu quero-a em todas as cidades.

A sorumbatica e monotona Lisboa, transforma-se em garrida moçoila, açoitada pelo sol. A Avenida povoa-se, enxameiam os passeantes, e as mulheres, as nossas graves mulheres, parece adquirirem uma graça nova, uma desusada alegria, e uma maneira de andar caprichosa, viva, desconhecida.

Até chegam a parecer bonitas! Porque realmente nós temos, é forçoso confessar, formosas senhoras; mas a generalidade, a maioria dos grupos que prepassam murmurantes, cheios de ruidos alegres, pelos asphaltos da Avenida, ou que se deixam enquadrar pelos frizos dos camarotes dos nossos theatros, são o que ha de mais heterogeneo, de mais complicado em caprichos de plastica, em combinações anatomicas de narizes, bocas, olhos e fôrmas.

Todos os paizes tem o seu typo de mulher.

Não se confunde uma franceza, uma hespanhola, uma ingleza.

Em Lisboa ninguem será capaz de dizer convicto e ao certo se a familia que assiste a Mignon é de origem chinesa, se deriva dos principados de Cabinda, ou vem em linha recta da casa dos Senhores do Castello, velhos fidalgos portuguezes que possuíam solar na Beira e tinham pellos nas mãos como o Magriço e cabellos nas ventas e nas orelhas como javalis. A familia Rochedo, por exemplo, é um mistiforio inexplicavel. O pae e a mãe são loiros, a filha tem cabelo preto, o filho cabelo castanho. O pae tem as pernas tortas os filhos são direitos como luzos; uns tem os olhos azues, outros verdes, outros negros; uns cortados em arco, outros em amendoa, outros em linha recta. Um ostenta um bello nariz á Bourbon, outro um arrebitado appendice, nascendo abruptamente do labio superior, como uma cereja furada. São desiguaes na cor, no temperamento, no fallar. E' tanto uma familia portugueza, como qualquer outra coisa. Anda alli sangue de todas as raças: — gerou-a o concurso de todas as cinco partes do mundo!

Que riqueza de sangue!

Pois bem, n'estes bellos dias creadores, esses grupos tem a graça d'um bando de aves revoando por sobre o pombal, as mulheres parecem elegantes, graciosas, aereas, e ao vel-as não causam esse dó que vulgarmente despertam, essa vontade de lhes dizer: — faz-te freira, vae para um convento — mas o desejo de lhe dirigir um madrigal quente e gracioso:

E' bello o sol, senhora da minh'alma,
O bom sol creador;
Mais bello o vosso olhar... *Et cetera*

Alegra um tempo assim, dizia-me um amigo — aquece-nos. dá-nos idéas generosas, e comprehende-se perfeitamente que se possa ser feliz n'um dia d'estes, completamente feliz; e, acrescentava, ingenuamente: eu, para o ser, hoje, bastava-me ter simplesmente — uns vinte contos de renda!

A politica está a banhos, a aguas, com acompanhamento de phylarmonicas e jantares redemptores.

A cidade despoçada dorme.

A's vezes os jornaes da provincia... pelas praias... pelas thermas... tem seus escandalositos...

Ah! d'esta vez é mais grave.

Estamos em plena tragedia:

Ao canto miseravel d'uma casa terrea de camponez boçal, uma pobre creança, engeitada, morre miseravelmente na agonia cruel dos asphixiados, revolvendo em convulsões o corpito anemico, cheio de malhas negras, que apparecem como denunciadoras d'uma vida de tormentos, entre os largos farpões dos andrajos.

Tinham-n'a trazido de Lisboa, olhando a miseravel remuneração d'uns tostões por mez, e creado ao *Deus dará*, como se cria uma besta, cheia de fome e de pancadas.

De dia percorrendo as estradas, em busca do esterco, á noite disputando á lareira rustica a frugalidade da broa, repartida pelos irmãos que o acaso lhe dá, — viveu dezeseis annos.

Dezeseis annos, minha querida leitora, a tua saudosa cidade, cheia de romances, de sonhos brancos e castellos de Hespanha.

Dezeseis annos, com fome, com frio, espancada, sem mãe! não é verdade que vale mais morrer?

A pequenita morreu!

Não como morrem as flores, estioladas na haste, pela miseria da seiva, mas como morrem os criminosos, os miseraveis infimos, com a garganta apertada no nó escorregadio da força, n'um entrebuxar horrendo.

Pequenita e nova, dizem, semelhava, no curvo do andar, na dificuldade dos movimentos, uma velha, a quem os annos houvesse roubado a curvatura elegante da espinha, a tonicidade dos musculos, a lubricidade das articulações caçadas.

Possuía uns olhos tristes e mortos, como desbotados; uma voz fraca de pessoa medrosa de tudo e de todos; o gesto acanhado e contrafeito.

Tinham-n'a aleijado — os paes!

O demonio da rapariga, era um mappa ambulante dos infames castigos: — murmurava-se na aldeia.

Na ultima sova o selvagem macho, jogara-lhe aos rins um pontapé tão ensinador, que a pobresita caiu no leito, sem poder erguer-se.

Alta noite a visinha do lado ouviu a voz do marido, dirigindo-se a mulher:

— *Se a has de estar sempre a malhar — é melhor acabar a por uma vez.*

No outro dia a pequenita, morta sobre a esteira de tabúia, tinha na garganta dois traços negros, uns flocos de espuma no canto esquerdo da bocca, e fitava na imbecilidade da morte, as telhas moiriscas do tecto, com as pupillas dilatadas, como se buscassem n'um ultimo esforço a luz que lhe fugia!

A ama, na entrada das visinhas, limpava a hypothese d'uma lagrima, ao avental porco e tartamudeava, penalizada: — *agora que ella nos ia a servir pra alguma cousa.*

O malandro do marido, sentado n'uma arca, a um canto regougava: — *deixa lá, mulher, está no ceu!*

Perante este cynismo velhaco, chegava a pensar-se que ha almas feitas de estrume!

A desconfiança popular levou o cadaver á mesa do hospital, o exame medico confirmou a suspeita: — tinham-n'a *acabado* de uma vez, com o generoso impulso de corações sensíveis, apertando-lhe no anel d'uns dedos humanitarios e calejados, — os tenros anneis da sua trachêa infantil.

A pequenita morreu!

Sobre a meza de pedra, está o seu corpito emagrecido.

Era bonita a pequena.

Tinha uma finura extraordinaria de pelle, um pertil correcto, a oval do queixo graciosamente delicada, as mãos, osseas, compridas, de dedos longos, os pés delgados, o cabello d'um louro fosco, comprido, mimosa a curva do colo incipiente... pobresita!

Morta! talvez no dia em que pela primeira vez, á sua organisação tardia de miseravel, apparecesse o primeiro sonho d'um aneio vago! talvez no primeiro dia em que ella percebesse uma musica estranhá a prepassar nas cômas dos pinhaes e na ramagem escura das oliveiras!

Morta! como morrem estes fructos miseraveis da libertinagem secreta, no mysterio do anonymo, na penumbra das vergonhas, marcadas com a sina dos eternos desprezos, que lhes corrompe o sangue no ventre espurio das mães.

O vento das grandes concepções lorpas emperrou entre nós, perolas humanitarias da Europa, o triangulo da guilhotina e derribou pela base os postes altivos das forcas.

Este par d'assassininos voltará da Africa (se para lá fôr) castigado, com mais algumas libras na bolsa.

Ella, como a uma conterranea que assassinou o pae, succederá o amancebar-se com qualquer ricasso e transformar, pelo horrivel crime, o postigo da choupana pelo camarote da opera: — elle, escudado pela mulher enriquecido por concessões indevidas, voltará, é possível, rico, considerado, feliz e commendador da Torre-Espada — de valor...

Porque não? E' preciso ter uma alma excepcionalmente valorosa, para estrangular uma creança, franzia, enjeitada, indefeza!

E depois em Portugal, um cristal da civilisação europea, é tão facil atirar ao pescoço d'um homem o collar d'uma ordem qualquer, como difficil o conceder a um assassino uma coleira momentanea de bom linho.

E queixam se, hoje que o temor do inferno caducou, que a educação é uma phantasia poetica, de que o selvagem europeu se arrogue os seus direitos, em harmonia com a ferocidade dos instictos.

A sociedade não tem o direito de tirar a vida a ninguem? Decerto; esse direito é exclusivo dos senhores assassinos. Temos conversado.

Se vos mandarem para Africa, futuras excellencias, — boa viagem.

Mas o que é triste, é que a pequenita morreu!

FRANCISCO XAVIER DA SILVA PASSOS

Parte no dia 20 para o Funchal este nosso querido amigo e collega, encarregado de representar alli a *Comedia Portugueza* de que tem sido um brilhante collaborador.

Desejamos-lhe do coração uma feliz viagem.



METAMORPHOSES

Calça o *gajo* Mercurio os seus talares,
Adorna a *pinha* com o seu galero,
E n'um rapido vôo corta os ares,
Que só pintára bem qualquer Homero:
Demanda o deus os luzitanos lares
Assim como quem mostra desespero;
E vem saudar os venturosos socios
Que deviam á *estancia* os seus negocios.

— « Não venho hoje cumprir essa *empreitada*
Em que entrei por mandado do tonante,
Quando elle lá de cima lombrigava
Cachopita nas fórmãs elegante:
Venho saudar a bella rapaziada
Que respeita o meu sceptro fulgurante,
Pois que faz, com engenho nada pouco,
Que chegue a serradura a ser canôco.

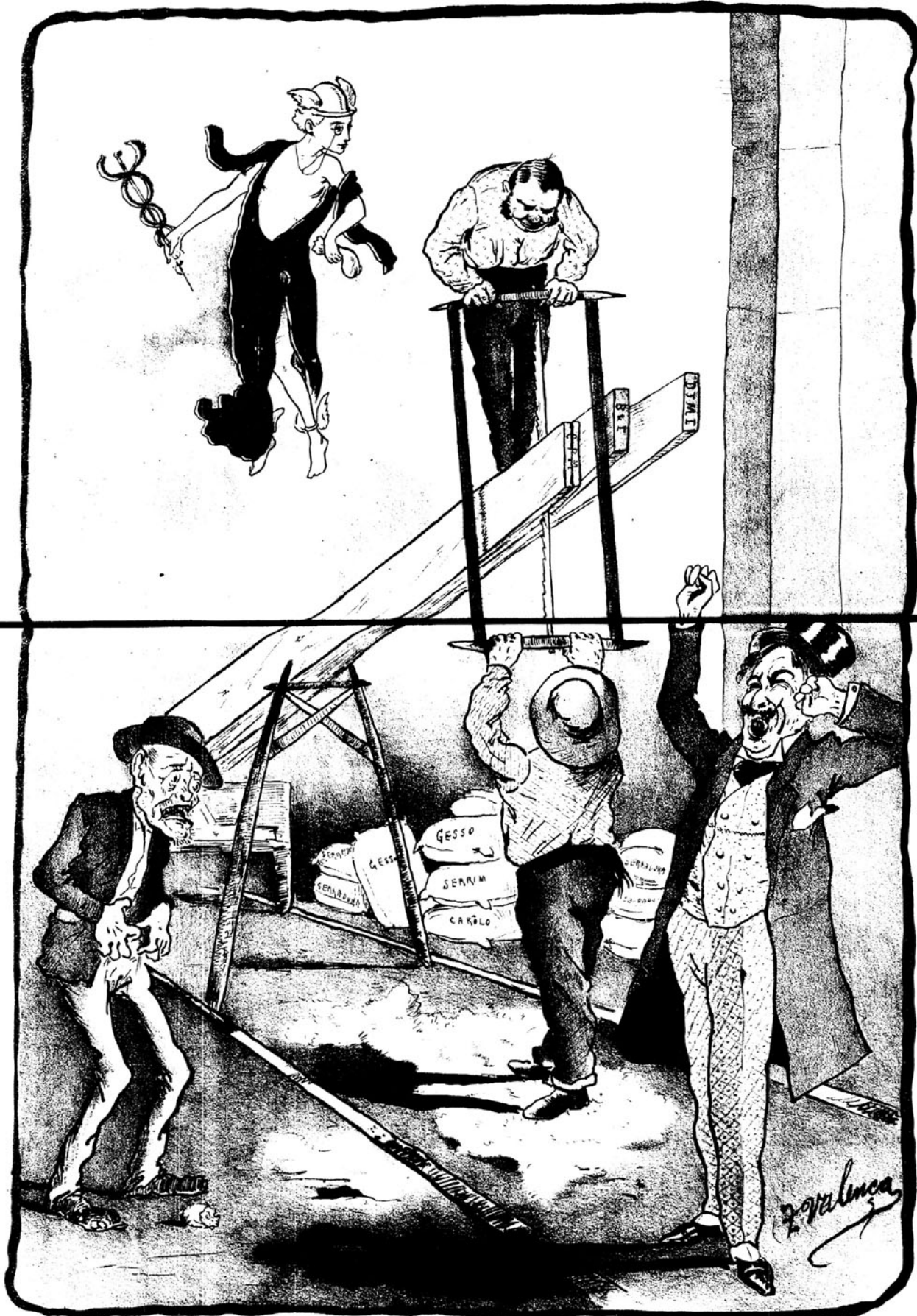
D'antes só para estuques era o gêsso,
Só tambem na esculptura emprego tinha;
Hoje subi de glorias e de preço
Por que já serve p'ra fazer farinha:
Parabens! parabens! Alto confesso
Que fostes muito além da sciencia minha...
Pois nunca me lembrou que a serradura
Touxeisse nutrição á creatura!

D'antes dava-se ás bestas o farelo
Amassado por bruta mão qualquer;
Hoje um pobre christão pode comel-o,
E lamber mesmo os beiços se quizer!...
Alcança o homem força de camello,
Chega a criar barriga de mulher...
N'esses tempos em que ella sempre grita
Quando a trouxa não sáe muito espedita!

O barro fez panellas a valer,
Muito tacho de molde não perfeito;
Hoje um christão qualquer pode comer
O barro bom ou mau de que foi feito!...
E a quem deve a nação agradecer
Essa invenção tão digna de respeito?...
A vós — que deixareis para o vindouro
Vossos nomes na historia em letras d'oiro!

E Mercurio de novo corta os ares,
Buscando a altura do estrelado ceu;
Vae *saracoteando os calcinhares*
E agitando na mão o caduceo
Senta-se, descansando de lidares,
E diz p'ra Jove, alli o patrão seu:
— Olhe que n'este mundo cá debaixo
Chega a ser ladroeira o cambalacho!

FABRICA DE FARINHA... DE PAU



NADA ESCAPA!

Na terra da melancia,
No bello paiz do rapa,
Falsifica-se á porfia!
Pois senhores, nada escapa,
Nem o pão de cada dia!

Perde-se a habitual cordura
E fica-se arreliado
Por sabermos — sorte dura —
Que nos dão pão amassado
Com a bella serradura.

Se acaso tivesse ensejo
Desfazia o intrujão!
Digo o que sinto e desejo!
Como se trata de pão
Isto, é — *pão pão, queijo queijo!*

Eu fiquei como um corisco!
Ah! caramba! n'esse instante
Fazia os ossos em cisco
Ao refinado tratante
Que vendia o tal *petisco!*

Nós a darmos bom dinheiro
Pelo pão que de lá vinha,
E o patife do padeiro
P'ra nós a *fazer farinha*
De tronquinhos de pinheiro!

De patife dando a prova,
P'ra se dar por innocente
Inda quiz — Que boa sova! —
Fazer ver á lusa gente
Que era farinha *arte nova!*

Se falsificam o pão
Que dá sustento á barriga,
Agora pergunto então
Seus malandros d'uma figa.
Que mais falsificarão?

Depois dos casos passados
A gente já não duvida
Que os *pãesinhos* perfumados
Que passeiam na Avenida
São também falsificados!

O leitor fica surprezo;
Vou pedir misericórdia
P'ra o padeiro que está preso:
.....
Elle fazia a mixórdia
Mas não roubava no pezo!

MAZAGÃO.



«— Na Penitenciaria de Lisboa ha actualmente grande numero de cellas vagas —
Adoravel noticia! Até parece um annuncio de praia de banhos ou de casa d'hospedes.
Aviso aos frequentadores.

O Papa e a Realeza

— «Leão XIII notificou ás casas reinantes dos paes catholicos da Europa que, de futuro, não auctorisará mais casamentos principescos ou reaes entre individuos parentes.

O Papa aconselha tambem os soberanos a que casem os filhos com individuos que não tenham sangue real, e isto afim de se evitar a degenerescencia intellectual e physica. Sabe-se que este documento pontificio tem sido commentadissimo em varias cortes. — »

Em varias cortes e em varias escolas.

Até hoje só se conheciam duas especies de sangue: o sangue arterial e o venoso. Sua Santidade lá descobriu mais esta e ao que parece de pouco recommendavel propagação porque gera degenerados intellectuaes e physicos!

Toma! mas então a physiologia já anda pelo Vaticano? Boa vae ella. É pol-a fóra, que isso é uma dama sem crenças e sem atenções.

De camaradagem com o Papa? Temos asneira grossa. Esta é já a primeira. Todos os reis, todos os fidalgos, e grande maioria dos burguezes ricos, pelos casamentos das filhas, são parentes. De modo que a respeitar-se a vontade do infallivel hão de ser curiosos d'ora ávante os casamentos dos principes.

Dirá o *Diario Illustrado* no seu *hig-lit*:

— «Casou hontem, o principe João de tal e tal e tal e tal e tal, com a menina Joanna da Conceição, filha do nosso amigo, o sr. Manuel Gingeira, com logar d'hortaliça no Campo de Sant'Anna.

Os noivos foram jantar á Perna de Pau e d'ahi para casa do noivo. O noivo é, como se sabe, filho de uma das mais nobres casas da Europa, sympathico e muito instruido: a noiva é uma bella rapariga, morena, de boas carnes, muito habilidosa no arranjo das mãos de nabos, e tocando muito bem guitarra.

Desejamos-lhes as felicidades de que são dignos. — »

Senhora D. Physiologia, que anda a senhora a fazer pelo Vaticano? A mangar com o pobre velho? Sáia d'ahi, vamos.



COISA LYRICA

Vae a Aurora em seu carro o ar sulcando,
Aniquilando o imperio á treva escura,
Dardejando aureos raios de luz pura,
Toda a face da terra ao céu mostrando.

Já alegre a natura, respirando,
Suas galas ostenta e formosura;
Vendo a Aurora a luzir, tudo fulgura
E vae sentindo amor, amor cantando.

Cruzam seus vôos aves melindrosas,
Que dos ninhos deixaram o conchego
Para encher de canções selvas frondosas.

Tudo a Aurora a saudar! tudo em socego
Gozando o aroma de purpureas rosas,
.....
É a dormir como um porco este gallego!!!

G.



JARDIM DE EPICURO

Faz dô ver uma rapariga morrer voluntariamente para o mundo.

No meado do seculo xiv, da era Christã, uma joven Romana chamada Blésilla, jejuou de tal modo n'um mosteiro — que dos jejuns morreu! O povo furioso seguiu o caixão gritando: «Expulsemos da cidade esta detestavel raça de monjas! Lapidemol-as! Atiremol-as ao rio!». E, quando quatrocentos annos mais tarde, Chateaubriand exultou, pela bocca do padre Aubry, as raparigas que «sanctificaram a sua belleza a penitencia, e mutilaram a carne revoltada cujos prazeres são as dores» o abbade Morellet, que era um velho phylosopho, respondeu-lhe impaciente: — «Se isto não é fanatismo peço ao auctor o favor de m'o definir». A vida religiosa é contra a natureza e no entanto tem razão de existir e de durar? As razões escapam muitas vezes ao povo e aos phylosophos, porque tocam os grandes mysterios da alma humana.

Os claustros foram dicitados abaixo: as suas ruinas desertas repovoaram-se.

Certas creaturas vão para elles por queda natural: são as almas claustraes. Porque são inhumanas e pacificas vão para o silencio e para a paz. Outras nascem cançadas, mostram-se inertes e vão para a vida religiosa para terem menos vida e menos morte. A algumas, uma decepção precoce, uma dor de coração, estragou-lhes a vida. Tiveram muito cedo o sentimento do mal universal. Escondem-se para chorar; querem que as esqueçam e querem esquecer...

Ou, melhor, amam a sua dor e querem pol-a ao abrigo dos homens e das coisas.

Outras ha que as attrae o sêllo do sacrificio e que se querem entregar inteiramente, n'um abandono maior do que o do amor. Estas são as verdadeiras irmãs do Christo e são as raras. A Igreja dá lhes os doces nomes de lys, de rosa, de pomba, de cordeiro: promettedo-lhe pela bocca da Rainha das Virgens, a coroa de estrellas e o throno de candura. Acautelemo-nos porém de encarecer os theologos. Nas épocas da fé, não se fazia grande questão das virtudes misticas das religiosas. Não falo do povo, para quem as freiras foram sempre suspeitas fazendo-as objecto de muitos contos alegres. Falo do clero secular cujos juizes foram muito heterogeneos. Não esqueçamos que a poesia dos claustros data de Chateaubriand e Montalembert.

A. FRANCE.



Foi accusado por crime de Lesa-Magestade o poeta allemão Benz.

O editor de uma revista allemã escreveu um artigo acerca das poesias de Benz. Deu isto logar a uma correspondencia entre o editor e o poeta. Este ultimo tomou a sua conta o imperador Guilherme II, por causa do seu discuso acerca dos artistas de Brunswick. A policia apanhou as cartas e o procurador do Estado em Munich, processou-o pelo crime de Lesa-Magestade, commettido em cartas particulares.

Este caso lembra um pouco casos de cá. Assim o sr. Hintze a metter-se em coisas de Arte Dramatica. Ora, d'este senhor tem-se escripto coisas peores do que certamente o poeta Benz escrevia sobre o imperador.

Só nos resta, por este bello espirito de imitação que nos guia, ver qualquer prosador ou poeta nosso, accusado do crime de *Lesá-Présidencia!*

Havemos de lá chegar.

NOS TEMPLoS CATHOLICOS

«— A'manhã, em todas as egrejas catholicas da Inglaterra, serão entoados «Te-Deus» solemnes, em acção de graças pela sagração de Eduardo VII e prosperidade do seu reinado.

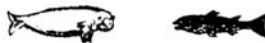
Foi uma ordem do Papa e considera-se este acto como uma prova de completa submissão do Vaticano, perante os poderes modernos quando, como os inglezes, são poderosos e energeticos» —.

A Igreja Catholica que recusa o Ceu aos que não commungam no seu altar, manda entoar os Te-Deus de graças, pela coroação d'um protestante, chefe da maçonaria ingleza o que é ainda mais!

Como o rei Eduardo deve rir-se d'essa Igreja, terível e implacavel com os pequenos, submissa e miseravel em transigencias — com os grandes.

É bom estar bem com Deus; mas não é pior não estar mal com o Diabo.

Até no Vaticano se percebe isto.



MOTE

A cantar esqueço as dores
Que n'esta vida soffri,
Eu hei de morrer cantando
Já que chorando nasci.

(C. Popular).

GLOSA

Todos cantam n'este mundo,
Ou por gosto ou por officio,
Alguns até só por vicio
Como o proprio vagabundo,
Canta o cysne moribundo
Todos cantam seus amores,
O poeta canta as flores,
Canta à noite o rouxinol
Canta o grillo se faz sol,
A cantar esqueço as dores.

Canto tudo que ha na terra
Minha sina vou seguindo,
Sempre alegre, sempre rindo,
Canto o valle e canto a serra,
Tambem canto a paz, a guerra
E quanto no mundo vi,
Cantando não penso em ti,
A cantar esqueço amores,
Não me lembram dissabores
Que n'esta vida soffri.

Uns cantam porque tem pena,
Porque vivem desgraçados,
Outros mais afortunados
Fazem versos ás pequenas;
Cantam loiras e morenas,
Ora rindo, ora chorando
E a cantar se vae passando
Esta vida desditosa
E cá por coisas, ó Rosa,
Eu hei de morrer cantando.

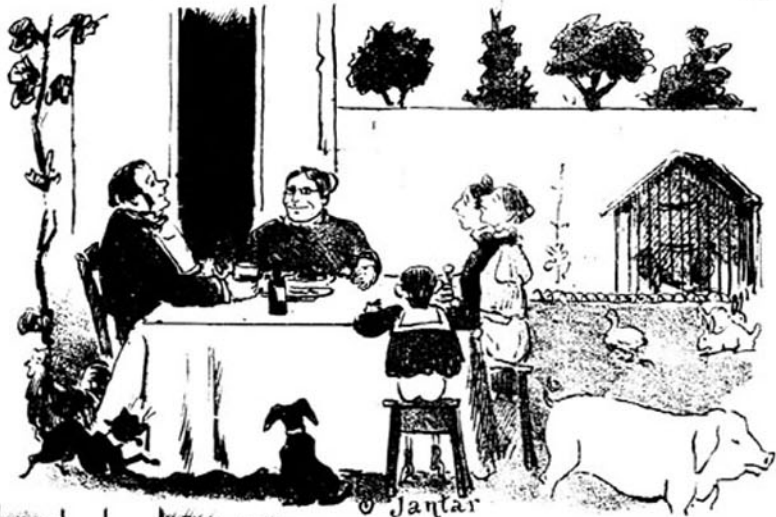
Cantando a mãe adormece
A filhinha estremeçada,
Consagrando a sua vida
Murmurando a sua prece,
Quem canta seu mal esquece
E por isso, eu canto aqui,
Uma canção que aprendi
N'umas horas descuidadas...
E canto pelas estradas
Já que chorando nasci.

ENA.

ENCANTOS DO VERÃO



A Partida



O Jantar



Quarto de dormir, quarto de toilette, casa de banho, casa de costura, sala de visitas,..... um encanto.

COMEDIA

PORTUGUEZA

Director—MARCCELINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lith. R. de Souza & Salles R. N. do Loureiro, 25 e 26

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros).....	1.200 réis	Brasil, anno (52 numeros).....	2.500 réis
Bemestre (26 numeros).....	650 réis	Africa e India Portuguesas, anno... ..	1.200 réis
Cabrança pelo correio.....	310 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros).....	1.200 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



CARLOS REIS

Carlos Reis

Carlos Reis é hoje um dos mais justamente consagrados nomes da pintura portugueza.

Dos mais novos na Arte, forma merecidamente ao lado de Cólumbano, de Ramalho, de Salgado, de Malhóa... o que equivale a dizer que, entre nós, pertence ao grupo dos pintores cujo valor e altas qualidades de observação e de technica lhe dá as honras da consagração como artista. Carlos Reis vê profundamente, é um desenhador primoroso e possui altas qualidades de technico.

É sobretudo um paisagista que tem adquirido no nosso meio uma merecida e indiscutível fama.

Ressentindo-se da paisagem franceza, Bretã, porque se deixou apaixonar e dominar, justamente pelas suas altas qualidades de observação, o illustre pintor tentou ousadamente libertar-se d'esse dominio nos ultimos trabalhos, nacionalisando-se, dando-nos a paisagem portugueza, sem brumas, cheia de cor e de sol. Ainda como pintor de figura se tem distinguido, salientando-se entre os seus trabalhos o *Retrato de minha mãe*, pequena obra prima premiada.

É um apaixonado pela sua arte, um trabalhador, um crente, o que nos garante a sua ascensão progressiva — o poder assental-o definitivamente na galeria dos mestres.



As nuvens grossas e prenes de phantasticos aspectos e ventres cheios, que corriam com uma velocidade feroz do sudoeste, passando por sobre as nossas cabeças, sumiram-se, emfim, dispersas pelas nortadas rijas, que as esbatiam e adelgaçavam, em chatas manchas pardas, sobre o fundo lamacento d'um ceu d'estanho.

Como cioso de seus foros invadidos, o sol começa ardente, a fustigar-nos com as settas mordentes dos seus raios de ouro, emquanto a vasta cidade de Ullyses, onde o aceo é um sonho e a hygiene uma chimera, nos envolve em ondas asphixiantes do pó denso dos seus macdam.

Entrámos na segunda estação da nossa abençoada capital — a estação de *estufa*.

No inverno, a estação de — *tina* —, o mortal que se aventura pelos correjos alpestres dos seus passeios, ha de necessariamente lavar os pés até aos tornozellos, emquanto as biqueiras dos predios se encarregam de o encharcar dos tornozellos para cima. Um consolo!

De verão, o sol dardeja sobre as paredes burguezmente caiadas, envolvendo-nos n'uma athmosphera de 40.º e tornamo-nos assim plantas de estufa, ambulantes, languidos e indolentes como um negro sob os palmares umbrosos.

Por fóra, as lufadas ardentes do deserto crestam-nos as faces; por dentro, o municipio zeloso, para equilibrio de temperatura, alcança-nos summo bem de 41.º, produzidos pelo typho, a gloria do ceu — com viagem rapida de tres ou quatro dias.

Abençoado!

Esta differença extraordinaria de temperatura revela-se claramente nos nossos habitos, na nossa actividade,

nas nossas idéas, sobre tudo, nas nossas aspirações. De verão somos todos mysticos; de inverno, mundanos, mortaes, profanos.

E do calor: as raças do meio dia são vivas, inquietas, ousadas, buliçosas; as raças do norte, frias, regradas, calculistas e mathematicas.

De inverno os nossos poetas calam-se, emmudecem. Chega o verão; o ar sadio dos campos enche-lhes os pulmões; os largos horizontes vastamente illuminados, aquecem-lhes, ampliam-lhes o cerebro. E esperar-lhe a volta: os seus livros, as suas canções, as suas lyricas, revelam-nos que cantaram, por lá, pelas alamedas, como rouxinos em noites de primavera.

Pelas praías, pelas thermas, pelas quintas, cuja cazaría branca alveja nas encostas dos montes, cercada de carvalheiros annosos, ressaltando nas largas manchas escuras dos pinhaes gementes, a vida despe-se da pequenez mesquinha, das mil intrigas, das mil banalidades cidadãs e corre, limpida, sem convenções balofas, sem etiquetas massadoras, digna, humana, emfim.

O inverno, a que elle nos reduz! Que vida? Levantar tarde porque a agua fustiga a vidraça e o vento assobia nas frinchas da janella: á tarde o cavaco do café, bulhento, cheio de fumo, insalubre, a encher-momos de alcool; á noite, no restaurante, a ceia lauta, bem quente, os ponches, d'uma luz lugubre, o *cognac* louro, o *menthe* incolor, o absintho opalino, e ao lado, um calorifico terrível, uma gargalhada argentina, vibrante, com um estalar de ossinhos de perdiz ou um ferver alegre de pequeninas bolhas que sobem chocando-se, que se cruzam, volteam, boiam e estalam, n'uma pequena taça de crystal facetado e lympido.

Tudo isto n'um prazer intimo, bom, animal. Shocking!

Chega o calor: as idéas profanas somem-se; por detrás dos bastidores, as curvas das dançarinas mergulham-se na sombra. As ribaltas apagaram-se; afogaram-se os collos; as azas de papelão das fadas, os punhaes vingativos, os mantos de chita, reçoem-se ao guarda-roupa.

A nossa imaginação exalta-se; tudo o que cheire a mundo, diabo e carne, despede-se por importuno. A' noite, as estrellas brilham ferozmente nos espaços; a nossa alma sobe até Deus. Começamos a divagar em extase, pelos montes, pelos terraços das habitações, pelos rochedos á beira-mar.

Os santos influenciados pela causa geral, fartos de frio mortal das naves sombrias, do cochichar das beatas, da voz roufenha do prior, pedem-nos para dar um passeio, para tomar calor, luz e ar.

Começa o periodo mystico. Agarramol-os, fazemol-os andar, uns de andor, outros a cavallo, por essas ruas; mostramos-lhe os melhoramentos, reiteramos os protestos da nossa estima, da nossa alta consideração. Afirmamos-lhes que nunca no esquecemos d'elles, que estamos sempre ás suas ordens e que se não vamos por lá levar-lhes o nosso obulo, é porque recciamos algum adicional de tantos por cento... Depois, rematamos por pedir a Santa Quiteria que tenha conta nos cães damnados, a S. Jorge que entregue mais um requerimento a nosso favor e que se não desfaça da lança, nem do homem de ferro, porque ninguém sabe para que está guardado n'este mundo — ou na Sé.

Mas se o verão vitalisa os artistas, afina lyras e harpas, este anno, o maior artista dramatico do nosso seculo, morreu.

Morreu Emmanuel!

Como se a natureza quizesse dotar este homem com a poderosa envergadura de um semi-deus concedeu-lhe

as altas faculdades criticas dos phylosophos e o poder estranho—um 'súblime poder de exterioração psychica. E, assim, fez d'elle um dos commentadores mais autorisados do grande tragico inglez e com certeza o seu maior e mais extraordinario interprete.

Diz-se que um dia conversando com Salvini lhe criticára um dos seus bons trabalhos e que este lhe respondera, falto de razões: — Amigo Emmanuel, criticar é facil, fazer é que é difficil.

— Tambem se faz, replicara Emmanuel, e mezes depois estreitava-se como actor, n'uma peça de Schakespeare e com geral agrado.

Esta pequena pirraça foi providencial: ella fez com que eu podesse ver o mais extraordinario actor que jamais verci em minha vida e a Arte tivesse um dos seus maiores e mais gloriosos filhos.

Inolvidavel artista; artista em tudo: no fallar, no convívio, na dedicação, no sacrificio, no coração, no cerebro, no amor e na desgraça!

A Lisboa que entende viu-o e ouviu-o embevecida, n'um d'esses secretos e intimos prazeres que nos absorvem por horas e nos deixam no espirito um rastro de luz que não mais nos desampara na vida.

A noite do *Rei Lear*!

O *Rei Lear* por Emmanuel! ha ahi alguém que o visse n'essa noite e o não veja ainda hoje, o não oiça, que fechando os olhos um pouco, concentrando-se, não sinta o espasmo d'essa visão estranha, incomparavel, a rastejar no sobrenatural?

Emmanuel morreu! O artista impecavel, honesto, o mesmo artista, que fora sempre grande, no convívio, na dedicação, no sacrificio, no amor e na desgraça, — ainda o foi na morte!

Morreu dizendo, docemente: — «Coragem, amigos, não deis importancia de mais á minha morte, é um facto natural, que ha de dar-se com todos. Poupaem-me os prantos e as lagrimas! —».

E morreu!

Não vou descrever-o, critical-o; seria um sacrilegio. Quem o viu, não o esqueceu mais; a quem o não viu penna nenhuma seria capaz de o fazer ver!

Chegou ao cemiterio de Turim coberto de flores mandadas de toda a Italia. Estas em breve murcharão; as que não morrem mais são as que ficaram no nosso coração: — a do amor e da saudade.

A primeira que elle plantou n'um convívio de horas; a segunda que nasceu, de chofre, ante a brutal noticia:

Morreu Emmanuel!

Sê-lhe carinhoso berço, ó terra santa da Italia.



Um portuguez que foi dar a volta ao mundo achase em Macau. Tem escripto de varias partes e de Macau escreveu:

«—Eis-me em terra portugueza... portugueza só no nome. Aqui só falam portuguez o funcionarios que veem do reino. Entre o povo é o chin e o *inglez* que se fala. O serviço de mesa e tudo mais é á *ingleza*. Vinhos portuguezes não ha; só francezes e norte-americanos.—»

Ha de perdoar o illustre viajante, mas se a colonia só é nossa no nome, tambem o não é, porque o nome é chinéz.

E' a sorte d'esta e irá sendo de todas as outras enquanto os politicos levantarem ás mezas os calices da communhão em honra dos chefes de partido e dos amigos adjacentes!

Pela Patria, pela terra que os criou, por essa não podem brindar, porque essa é que elles comem, essa é a hostia do sacrificio!

Tudo á *ingleza*?... Pois paciência!

N'um banquete politico no Porto, um verboso conviva, levantou se e exclamou:

«—Meus senhores! este banquete é de uma alta significação partidaria. Que elle seja para nós como uma meza de *communhão* politica e levantando os calices d'essa communhão em honra de Hintze Ribeiro e de Campos Henriques, saiamos d'aqui mais firmes no nosso credo, mais promptos para todas as luctas!—»

Isto de metter communhões catholicas em banquetes profanos e fazer assim comparações hereticas, se fosse em peça de theatro estava prohibido. Como foi a sobre-meza está explicada a feliz graça oratoria. Simplesmente é preciso corrigir onde se lê *calices* deve lêr-se *mangedoiras* e acrescentar ao final do brinde, «todas as luctas» as palavras: — «da barriga».

Fica certo o brinde e posta de parte a idéa de tachada.

A politica do sr. Hintze deve ter o cuidado — ás mezas, sobretudo, — de quando arrotar, pôr o lenço na bocca para se não ouvir cá fóra.



MOTE

Por te amar ando perdido
E perdido sem saber,
Se por ti tenho vivido
Ou por ti hei de morrer...

GLOSA

Quero sacudir do peito
O amor que tenho cá dentro,
Mas, por mais que em lida eu entro,
A coisa não leva jeito.
Por muitas vezes suspeito
Que está n'alma introduzido...
O que por mim é sabido.
É só isto e nada mais...
É que levo a vida em ais,
Por te amar ando perdido

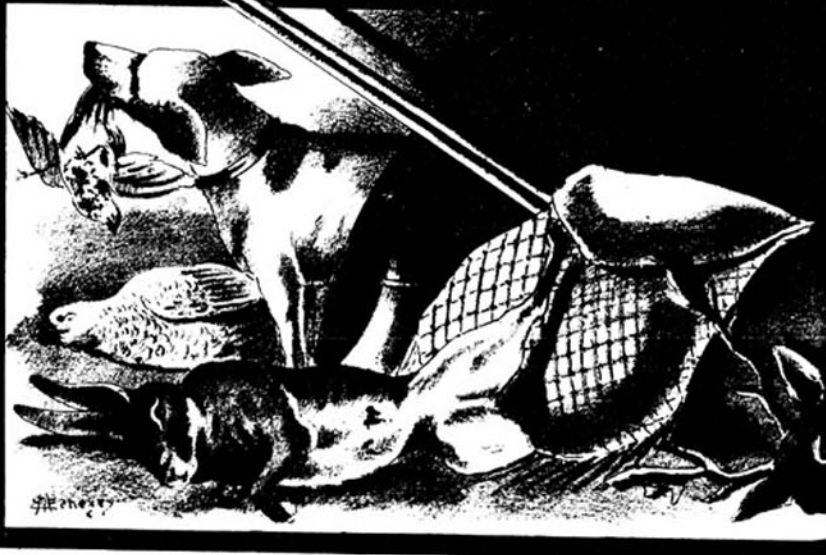
Quando te vejo, querida,
Sou viandante mesquinho
Que julga acertar caminho
Na áspera estrada da vida:
Porfio na minha lida
De muito amar e querer;
Mas apenas chego a ver
Que tenho sido illudido.
Que tenho andado perdido,
E perdido sem saber,

Victimado p'la paixão,
Não sei dizer o que faço:
Vejo-me em duro embaraço
P'ra conhecer a razão:
Não posso dizer então
O quanto tenho soffrido;
E o coração opprimido
Já não me diz quanto baste
P'ra saber se me mataste,
Se por ti tenho vivido!

Ora pois, seja o que for,
Chorar ou ser venturoso;
E' feliz ou desditoso
O escravo da lei d'amor:
Fiz jura ante o Creator
E não a posso esquecer...
Hei de a teu lado viver
Horas de meigo sorriso...
Hei de ter um paraizo,
Ou por ti hei de morrer...

POR MONTES

VALLÉS





VILLANCETE

Eu considero n'est'hora,
Ser bem triste a minha vida,
Por ter sido mal vivida.

VOLTAS

Não vos admireis, agora,
Que eu nunca tenha alegria,
Sempre chore e nunca ria:
Não vos importeis, senhora,
Ride alegre vós, embora.
Triste chore a minha vida,
Por ter sido mal vivida.

E' bem futil pensamento
Que'r saber qual o meu mal,
Pois conhecê-lo, afinal,
Não me livra do tormento,
Que vem do conhecimento,
Que eu tenho da minha vida,
Triste vida mal vivida.

Se o coração me não mente,
A tristeza acaba em breve,
Pois que a vida, fumo leve,
Acabará brevemente;
E eu morrerei contente
De ver terminada a vida,
Que sempre foi mal vivida.

FRANCISCO PASSOS.



COROAÇÃO

A peça mais sensacional que, se representou na Europa, nos ultimos tempos, foi, incontestavelmente, — *A Coroação*, — peça historica de assombroso espectáculo! dada em Londres. *arreglo* de S. M. I. o rei Eduardo VII, a quem peço licença para chamar—o meu distinctissimo collega.

O auctor reproduziu na peça, todo o velho cerimonial medioevo, em fatos e armas, não lhe esquecendo nenhum dos episodios d'esse tempo; sabendo, ainda, aproveitar os mais sensacionaes, como o do Arauto proclamando os direitos reaes, e arremessando a luva, em desafio, a quem ousasse contradizel-o, caso que, felizmente, se não deu!

Sua Magestade Imperial revelou-se um dramaturgo consummado, pela disposição e logica dos quadros e ainda pela scena final, commovedora, até as lagrimas.

A peça tem oito quadros:

Na rua.

O cortejo.

Na abbadia de Westminster.

O reconhecimento.

O juramento.

A unção.

A investidura.

A coroação.

Os primeiros dois quadros foram logo recebidos com vivos applausos pelo povo: eram deslumbrantes corte-

jos. Os cinco seguintes, passados na abbadia, representados com grande firmeza — (pelo ensaio geral da vespera —) confirmaram o interesse e o agrado. O ultimo quadro produziu uma profunda impressão, fazendo rebentar as lagrimas de muitos olhos e collocando o co-roado auctor na fila dos primeiros dramaturgos contemporaneos.

Um correspondente de Londres, assim o descreve:

— O arcebispo, em menos tempo do que se leva a escrevel-o, collocou com a devida reverencia, a coroa na cabeça do seu Soberano. N'este momento, e como por magia, as lampadas electricas accenderam-se, convergindo os seus reflexos sobre Sua Magestade e fazendo partir deslumbrantes brilhos das preciosas joias que adornam a coroa. O *espectaculo* era então digno d'uma pagina das *Mil e uma Noites!*

Junte-se, ainda, as aclamações e o brilho das joias que adornavam a nobreza, e poder-se-ha, talvez, julgar qual foi a apothose d'um tão historico e deslumbrante espectáculo. —

Seguiram-se os *hurrahas* e os *bravos!*

O *espectaculo* como vêem, e o correspondente afirma, — foi um verdadeiro *sucesso*.

O visconde de S. Luiz de Braga, que é capaz de tudo, pensa em trazer esta *companhia* a D. *Amelia*. Não acreditamos.



CALDEIRADA A BORDO

Coisa para se cantar ao piano

Na praia a brisa suspirava fresca,
Puxei p'la corda do veloz batel;
E fui alegre começar a pesca
Co'a linda filha do José Manuel.

Ella levava umas roupinhas curtas,
Deixando vêr roliço braço nũ;
Cheirava a rosas, se não era a murtas,
Vestia saia de panninho crũ.

Levava um riso nos seus finos labios,
Que riso aquelle a traduzir amor!...
Capaz de grandes e profundos sabios
Mudar em asnos de metter horror.

Deitou-se a rêde; logo veiu um pargo,
Que gordo pargo que pescou meu bem!
Não exaggero, era bem mais largo
Do que as balceias d'esse mar d'além!

Depois pescámos camarões, caxuxos,
Mas d'um tamanho como eu nunca vi!...
Entrámos logo a estripar-lhe os buchos,
E a caldeirada se arranjou alli.

Aquillo estava de lamber os dedos,
Tomaram anjos enconral-a assim!...
Bebemos vinho de rachar penedos
E a camueca veiu á luz, por fim.

Depois ficámos sem dizer mais nada,
Em pasmaçeira que direi notoria;
E, p'ra não dar ao meu leitor massada,
Finfei-lhe um beijo... e acabou-se a historia.

JARDIM DE EPICURO

... E' certo que se as mulheres não escrevem melhor do que os homens, escrevem de uma outra maneira que deixa ficar sobre o papel um rasto da sua graça divina.

Seria a menos phylosophica das idéas fazer entrar a sciencia no systema moral d'uma mulher ou d'uma rapariga, como um corpo estranho e poderosamente perturbador.

A sciencia é o laço do homem com a natureza. As mulheres teem, como nós, necessidade de saber. Mas o ensino antigo separava-as da natureza. Ensinavam-lhes palavras e não coisas; metteram-lhes na cabeça longas nomenclaturas sem significação: fizeram pedantes.

Partia-se da idéa de que um povo é sabio quando todos sabem as mesmas coisas, como se a diversidade das funções não pedisse a diversidade de conhecimentos. Imaginou-se que os elementos das sciencias especiaes, eram uteis a todos; que a terminologia tinha em anatomia ou em chimica, por exemplo, um valor proprio, que era util conhecer sem ser cirurgião nem chymico. Superstição tão louca como a dos velhos scandinavos que escreviam em caracteres romanicos, e imaginavam que havia palavras tão poderosas que poderiam reduzir a Terra a pó — e apagar o Sol.

Os pedagogos que ensinam ás creanças palavras d'uma linguagem que ellas nunca usarão, mergu-lham-nas em trevas.

Mostrae-lhes, em poucas palavras, os grandes objectos d'uma sciencia, e fazei-lhes notar os resultados por alguns exemplos intensos.

Sêde generalisadores, sêde phylosophos, mas escondi de modo a vossa phylosophia que vos julguem tão simples como aquelles a quem falaes. Exponde na linguagem vulgar e commum a todos um pequeno numero de factos que firam a imaginação e contentem a intelligencia. Não queiraes ensinar um grande numero de coisas: excitaes sómente a curiosidade. Não sobrecarregues os espiritos: fazei atravessar a faisca, elles explodirão no logar inflammavel. E se a faisca se apagar, se algumas intelligencias permanecerem obscuras, ao menos não as queimastes. Haverá sempre ignorantes; deixae a simplicidade aquelles que forem votados a ella. E' preciso respeitar todas as naturezas. Isto diz particularmente respeito ás mulheres, a cuja maior parte se pedem coisas differentes de idéas geraes e de conhecimentos technicos.

Eu quizera que o ensino que se dá ás creanças fosse uma discreta e doce sollicitação.

A. FRANCE.



Passagem d'um senhor Passos

Um filho de Mercurio, o senhor Passos,
Passou a fazer pão de serradura,
E passou a juntar-lhe, de mistura,
De finissimo gesso alvos pedaços.

Passou muita barriga a ter inchaços,
Passou passas do Algarve a creatura,
Passando a medicina a buscar cura
Aquelles nunca vistos embaraços.

Passa a vir um doutor, que observa e diz:
— Ha de passar o mal que assim castiga,
Se a operação passar a ser feliz.

N'isto o medico passa a ter fadiga;
Mas, depois de applicado o raio X,
Passa a achar-lhe uma estancia na barriga!



CANCIONEIRO ALEGRE

Uns passeantes que hontem, ahi pelas dez horas da noite, sentados na praia d'Algés, olhavam a lua e o mar, n'um silencio de poetas, começaram de ouvir uns canticos, acompanhados de accordes em instrumento que lhes lembrava a guitarra, mas que o não era.

Escutaram: a voz calou-se. De repente, porém, de novo, vibrou no silencioso ar do jardim êrmo e prateado, cantando:

Nasci no mar Oceano,
Em ilha verde e vistosa;
Tinha mais vista que hoje
A pell' fina, côr de rosa.

Na juventude, meu pae,
Velho de longas melenas,
Mandou-me estudar Direito
P'ra Coimbra, a lusa Athenas.

Tanto Direito estudei
N'aquelle soberbo horto;
Que tudo em que cetro na vida,
Sae alejado, sae torto.

Tendo a bola pequenina
E um sorriso aparvalhado:
O Fontes que tinha olho
Mandou-me ser deputado.

E, tanto agrado lhe fez
O meu ar grave e sinistro:
Que d'ahi a poucos mezes
Ferrou commigo em ministro.

Morreu o Lopo, e ficou
O logar de chefe em branco:
Como tinha o ar do Fontes
Saltei por cima do Franco.

Desde então nunca mais tive
Hora má de que me queixe:
Fez-se p'ra mim o ditado
Quanto mais... sabio, mais peixe!

Desde o Convenio, o paiz
Anda á divina, divino:
Arranjei-lhe o pão barato
Cascas d'alhos, kaolino...

Ó fadas dizei-me agora
Que mais hei de descobrir?
Tudo a descer n'esta Terra,
Eu, a subir, a subir!

Ó Lua que d'alto olhas,
Olha p'ra mim, vê-me bem:
Que eu sou o mais felizardo
Dos filhos da minha mãe!

Calou-se o bardo:

Os passeantes que seguiram o caminho da voz, divisaram, subito, n'um penedo á beira mar, um vulto de homem, erecto, em cabello, fitando o ceu de cithara colia sobraçada, era... o sr. Hintze Ribeiro.

Aqui está o que elle anda a fazer em Algés.



F. Enzyes